

Um homem chamado
JESUS CRISTO
JOHN PIPER



Um homem chamado JESUS CRISTO

JOHN PIPER

“Jesus jamais será domesticado. Mas as pessoas ainda tentam domesticá-lo. Escolhemos uma de suas características que seja capaz de mostrar que ele está do nosso lado. Todo mundo sabe que é muito bom ter a companhia de Jesus, mas não a companhia do Jesus original, não-adaptado. Apenas o Jesus revisado que se encaixa em nossa religião, plataforma política ou estilo de vida” (John Piper).

Teólogo contemporâneo dos mais renomados, John Piper analisa com perspicácia o fato curioso de que quase ninguém fala mal de Jesus, inclusive dentre as pessoas que não o aceitam como Senhor e Deus.

Mas será que podemos conhecer Jesus como ele realmente foi e é? Como conhecer uma pessoa que viveu na terra há dois mil anos e afirmou ter ressuscitado dos mortos com vida indestrutível? Transbordando paixão pelo Inspirador dessas páginas, Piper discorre sobre o Mestre na santa esperança de que todos vejam e experimentem sua glória.

John Piper é pastor da Igreja Batista de Bethlehem, Minneapolis (EUA). Seus livros já venderam mais de dois milhões de exemplares. Entre várias obras, é autor de *God's passion for his glory* [A paixão de Deus por sua glória], premiada em 1999 com a Medalha de Ouro da *Evangelical Christian Publishers Association* (Associação Evangélica dos Editores Cristãos).



www.editoravida.com.br

ISBN 978-85-7367-855-0

9 788573 678550

Categoria: Cristologia

JOHN PIPER

Um homem chamado Jesus Cristo

Tradução
Maria Emilia de Oliveira

2^a impressão





©2001, de John Piper
título original
Seeing and Savoring Jesus Christ
edição publicada por
CROSSWAY BOOK,
uma divisão da Good News Publishers
Wheaton, Illinois 60187, EUA
Edição publicada de acordo com a
Good News Publishers

■
*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Vida*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO PÓR QUaisquer MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Nova Versão Internacional (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

■
EDITORIA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 6618 7000
Fax: 0 xx 11 6618.7050
www.editoravida.com.br
www.vidaacademica.net
Coordenação: Vera Villar
Edição: Noemi Lucília Ferreira
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Efanet Design
Capa: Marcelo Moscheta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piper, John, 1946

Um homem chamado Jesus Cristo / John Piper ; tradução Maria
Emilia de Oliveira — São Paulo : Editora Vida, 2005.

Título original: *Seeing and Savoring Jesus Christ*
ISBN 85-7367-855-0

1. Glória de Deus 2. Jesus Cristo - Pessoa e missão I. Título.

04-8338

CDD-232.8

Índices para catálogo sistemático

1. Jesus Cristo : Glória de Deus : Divindade e humanidade : Cristologia 232.8
1. Jesus Cristo : Pessoa e missão : Divindade e humanidade : Cristologia 232.8

■
À memória de

C. S. Lewis
e Clyde Kilby,

que me ensinaram que sempre existe algo
mais para ver naquilo que eu vejo.

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio	11
<i>Como podemos estar certos a respeito de Jesus?</i>	
1. Vendo e provando a glória de Deus	19
<i>O objetivo supremo de Jesus Cristo</i>	
2. Jesus é a glória de Deus	25
<i>A divindade de Jesus Cristo</i>	
3. O Leão e o Cordeiro	31
<i>A excelência de Jesus Cristo</i>	
4. A alegria indestrutível	37
<i>A alegria de Jesus Cristo</i>	
5. As ondas e os ventos ainda conhecem a sua voz	43
<i>O poder de Jesus Cristo</i>	

6. Alguém maior que Salomão está aqui	50
<i>A sabedoria de Jesus Cristo</i>	
7. A gloriosa pobreza da má reputação	56
<i>A calúnia contra Jesus Cristo</i>	
8. Os incomparáveis sofrimentos	62
<i>A angústia de Jesus Cristo</i>	
9. A glória de redimir pecadores, sem destruir Satanás	68
<i>O sacrifício redentor de Jesus Cristo</i>	
10. A riqueza encarnada da compaixão de Deus	74
<i>As misericórdias de Jesus Cristo</i>	
11. O lado austero	83
<i>A severidade de Jesus Cristo</i>	
12. Vida invencível	91
<i>A ressurreição de Jesus Cristo</i>	
13. A gloriosa manifestação do nosso grande Deus e Salvador	98
<i>A segunda vinda de Jesus Cristo</i>	
Conclusão	103
<i>Andando com Deus por meio de Jesus Cristo</i>	
Em busca da alegria	105
<i>Seis verdades bíblicas</i>	
Notas	109
Índice de referências bíblicas	111
Índice remissivo	117

Agradecimentos

Devo a Jesus Cristo o privilégio de ter escrito este livro. Ele morreu em meu lugar; o justo pelo injusto. Deus tornou pecado aquele que não conheceu pecado, para que, em Jesus Cristo, eu, que sou pecador, pudesse ser considerado justo. Ele curou a cegueira de meu coração, concedeu-me fé e levou-me ao arrependimento. Por seu Espírito, ele tornou-se vivo em meu coração mediante a fé e, aos poucos, está incutindo seu caráter em minha personalidade obstinada. E mais: Jesus Cristo criou o mundo, inclusive a mim, e mantém este mundo em funcionamento pela manifestação do seu poder. Cada expirar ou inspirar, cada batida de meu coração, cada momento em que vejo e ouço alguma coisa, cada pensamento que me ocorre, tudo isso eu devo à misericórdia constante e ao poder criativo de Jesus. Todos os outros agradecimentos são secundários e dependem exclusivamente dele.

Um agradecimento especial a Bob Putnam, cuja iniciativa me incentivou a escrever dez capítulos deste livro, em forma de artigos, publicados no *The Standard*. Meus agradecimentos a Justin Taylor, que os leu com extremo cuidado e apresentou sugestões

valiosas; a Ted Griffin, que gentilmente os encaminhou para serem impressos na Crossway; a Carol Steinbach, que elaborou os índices; e ainda a Noël, que, a meu lado, também tem visto e provado o Senhor Jesus. Sou muito feliz porque, juntos, nós o podemos ver e, acima de tudo, porque você será capaz de ver neste livro aquilo que não sou capaz de ver. Eu me encanto com cada frase deste livro. Estou rodeado de pessoas carinhosas e talentosas.

Oro para que estes breves capítulos se transformem em janelas panorâmicas, para que o leitor possa ver a perfeição de Jesus Cristo. Todas as pessoas que trabalharam neste projeto estão também orando neste sentido. Que Deus conceda a você, leitor, a graça de ver Jesus Cristo como ele é realmente e a alegria de prová-lo com todo o deleite de sua alma.

Prefácio

Como podemos estar certos a respeito de Jesus?

Na metade do século passado, o escritor britânico C. S. Lewis apresentou uma resposta chocantemente correta:

Um homem que foi simplesmente um homem e disse as coisas que Jesus disse não poderia ser considerado um grande mestre da moral. Ou ele foi um lunático — do mesmo nível do homem que disse ser um ovo *poché* — ou foi o Diabo do Inferno. Você pode considerá-lo tolo, pode cuspir nele e matá-lo como se fosse um demônio; ou prostrar-se a seus pés e chamá-lo Senhor e Deus. Mas não podemos vir com essas idéias tolas e complacentes de que ele foi um eminentemente mestre humano. Ele não deixou brecha para isso. Ele não teve essa intenção.¹

Em outras palavras, Jesus jamais será domesticado. Mas as pessoas ainda tentam domesticá-lo. Parece haver algo nesse homem que se adapta a cada pessoa. Então, nós escolhemos uma de suas características que seja capaz de mostrar que ele está do nosso lado. Todo mundo sabe que é muito bom ter a companhia

de Jesus, mas não a companhia do Jesus original, não-domesticado, não-adaptado. Apenas o Jesus revisado que se encaixa em nossa religião, plataforma política ou estilo de vida.

Quando eu cursava a universidade na Alemanha, na década de 1970, fiz a crítica literária de um livro chamado *Jesus für Atheisten*². Você não precisa conhecer alemão para traduzi-lo. Foi uma “leitura” marxista da vida de Jesus. De acordo com aquele livro, a essência dos ensinamentos de Jesus não passou de um apelo para uma ação radical contra o regime da época. Foi um apelo para a derradeira devoção ao “reino” — a introdução da nova sociedade (marxismo).

Há um fato que me causa estranheza: dentre as pessoas que não aceitam Jesus como seu Senhor e Deus, quase ninguém fala mal dele. O mesmo se aplica à cruz: é bonito usá-la como jóia, mas ninguém deseja morrer numa cruz. As únicas cruzes que as pessoas desejam são as cruzes domesticadas. Faz sentido, portanto, imaginar que um homem que, ao longo da vida, planejou morrer em uma cruz seria visto como uma pessoa perigosa; ninguém lhe daria crédito.

Será que podemos conhecer Jesus como ele realmente foi — e é? Como podemos conhecer uma pessoa que viveu na terra dois mil anos atrás — alguém que afirmou ter ressuscitado dos mortos com vida indestrutível e vive até hoje? Algumas pessoas dizem que isso não é possível. O verdadeiro Jesus está sepultado na história, elas dizem, e não temos acesso a ele. Outras não são tão céticas. Acreditam nos registros bíblicos da vida de Jesus e acham que seus intérpretes primitivos — como o apóstolo Paulo, por exemplo — são mais dignos de confiança que os críticos da atualidade.

Mas como podemos ter certeza de que a descrição bíblica a respeito de Jesus é verdadeira? Há dois caminhos para aqueles que buscam um solo firme sob os pés da fé. Um é o caminho da pesquisa histórica e meticulosa para comprovar a autenticidade dos registros históricos. Eu segui esse caminho durante meus anos

de estudo no seminário, na universidade e como professor de faculdade. Apesar de todos os desafios à minha fé naquela época, nunca duvidei de que existem bons motivos para confiarmos nos registros que o Novo Testamento traz acerca de Jesus. Hoje existem muitos livros persuasivos — eruditos ou populares — que sustentam essa confiança.³

Agora, porém, sou pastor, e não professor de faculdade. Continuo a dar valor ao caminho da pesquisa histórica feita pelos estudiosos. Na verdade, quase sempre sou favorável a ela. No entanto, hoje tenho mais consciência de que a grande maioria dos habitantes deste planeta jamais terá o tempo ou as ferramentas necessárias para rastrear todas as evidências que comprovam os registros históricos do Novo Testamento. Se Jesus é o Filho de Deus, se ele morreu por nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos, e se Deus desejou para seu povo, dois mil anos atrás, uma fé bem fundamentada, então deve haver outro caminho para conhecermos o verdadeiro Jesus — um caminho diferente da pesquisa histórica, acadêmica e rigorosa.

Existe outro caminho. É o caminho que estou seguindo neste livro. Começa com a convicção de que a verdade divina pode ser automaticamente legitimada. Aliás, seria muito estranho se Deus se tivesse revelado em seu Filho Jesus Cristo e inspirado o registro dessa revelação na Bíblia, sem ter proporcionado um meio para que as pessoas comuns o conhecessem. Em palavras mais simples, o caminho comum para conhecermos o verdadeiro Jesus é este: Jesus, conforme é revelado na Bíblia, traz consigo uma glória — uma beleza espiritual incomparável — que pode ser vista como uma verdade que por si só é evidenciada. É como ver o sol e saber que ele é luz, e não trevas, ou provar o mel e saber que ele é doce, e não amargo. Não existe nenhuma longa cadeia de motivos para passarmos das premissas às conclusões. Existe uma percepção direta de que a pessoa de Jesus é verdadeira e que sua glória é a glória de Deus.

O apóstolo Paulo descreveu o caminho para conhecermos a Jesus em 2Coríntios 4.4-6:

O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam *a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus [...]*. Pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, *para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo* (grifos do autor).

Observe que Paulo fala da iluminação de Deus em nossos corações (como ocorreu na obra da criação) para compreendermos o “conhecimento da glória de Deus na face de Cristo”. Ele está falando de pessoas que nunca viram o Jesus histórico. Como essas pessoas poderiam conhecê-lo e saber que ele existiu? O que elas “vêem” é a descrição verbal de Jesus no evangelho, isto é, na pregação apostólica de Cristo. Essa descrição, diz Paulo, acompanhada do brilho de Deus “em nossos corações”, nos mostra o que ela realmente é — “a glória de Deus na face de Cristo” ou “a glória de Cristo, que é a imagem de Deus”.

Você pode observar que existem duas coisas que tornam esse caminho possível. Uma é a realidade da glória de Jesus Cristo brilhando em sua descrição bíblica. A outra é a obra de Deus para fazer os corações cegos enxergarem sua glória. Isso é muito diferente de Deus “nos dizer” que a Bíblia é verdadeira. Ao contrário, é Deus nos capacitando para enxergar o que existe realmente na Bíblia. Trata-se de uma diferença muito importante. Se Deus tivesse sussurrado em nosso ouvido que o Jesus da Bíblia é verdadeiro, esse sussurro teria autoridade final e tudo dependeria dele. Mas esse não é o caminho que vejo na Bíblia, nem o caminho que eu sigo. O próprio Jesus e sua representação pictórica divinamente inspirada na Bíblia têm a autoridade final.

O efeito prático desse caminho é este: Eu não lhe peço que ore por um sussurro especial de Deus para que você decida se Jesus é real. Eu lhe peço que olhe para o Jesus da Bíblia. Olhe para ele. Não feche os olhos esperando uma palavra de confirmação. Mantenha os olhos abertos e veja o retrato de Jesus descrito na Bíblia em toda a sua plenitude. Se você acredita em Jesus Cristo como Salvador e Deus, é porque vê nele uma glória divina e maravilhosa que simplesmente é o que é — verdadeira.

Às vezes, esse caminho é chamado “testemunho do Espírito Santo”. Os antigos catecismos fazem esta afirmação: “O Espírito de Deus, que testifica com as Escrituras e por meio delas no coração do homem, é suficientemente capaz de persuadi-lo de que a Bíblia é a Palavra de Deus”.⁴ Observe que o Espírito persuade “com as Escrituras e por meio delas”. Ele não marginaliza as Escrituras, nem substitui as revelações particulares acerca das Escrituras. Ele remove a cegueira de hostilidade e rebeldia e, por conseguinte, abre os olhos de nosso coração para enxergarmos o brilho evidente da divina beleza de Cristo.

Portanto, ao escrever este livro, meu objetivo foi exibir o retrato bíblico de Jesus. Não debati esse fato do ponto de vista histórico. Outras pessoas poderiam ter feito isso melhor do que eu, e aplaudo o trabalho delas.⁵ Tentei ser fiel ao que a Bíblia diz acerca de Jesus Cristo. Apesar de saber que, comparado às Escrituras, este livro é imperfeito, espero que a leitura de seus treze capítulos seja o mesmo que ver um diamante por meio de treze facetas diferentes. A Bíblia é a única descrição autorizada do diamante de Jesus Cristo. Espero que, depois de ler este livro, você passe a ler a Bíblia. Foi por isso que recheei estes curtos capítulos com trechos das Escrituras.

Espero também que este livro seja útil tanto a crentes como a não-crentes, oro para que ele seja utilizado por Deus para despertá-los, a fim de que vejam a grandeza e a glória de Jesus Cristo perpetuadas por ele. E oro para que este livro “adoce” a visão que os crentes têm da excelência de Cristo.

Só assim o seu título se tornará uma realidade.⁶ Quando vemos Jesus como ele realmente é, temos condições de prová-lo, isto é, de nos regozijarmos nele da mesma maneira que nos alegramos quando vemos algo verdadeiro, lindo e prazeroso. Este é o meu objetivo, porque duas coisas decorrem dessa experiência com Jesus Cristo: ele é honrado, e nós temos liberdade para percorrer alegremente o estreito caminho do amor. Cristo é plenamente glorificado em nós quando nos regozijamos nele. E quando nos

regozijamos nele, somos crucificados para o mundo. Desta maneira, no momento em que vemos e provamos o Senhor Jesus, os reflexos de sua presença no mundo se multiplicam. O apóstolo Paulo disse: “E todos nós, que com a face descoberta *contemplamos* a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2Co 3.18; grifos do autor). Contemplar é ser transformado. Ver Cristo salva e santifica.

Já que tudo isso, conforme Paulo diz, “vem do [...] Espírito”, incluí orações no fim de cada capítulo. A obra do Espírito em nossa vida é essencial. Jesus disse: “Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir!” (Lc 11.13). Junto-me aos leitores sinceros para suplicar doses maiores e mais abundantes da obra do Espírito em nossa vida. Oro para que, quando olharmos para Jesus, ele nos conceda o privilégio de ver e provar a “glória de Deus na face de Cristo”.

Eu o convido a participar comigo desta busca, para encontrarmos juntos a alegria bem fundamentada, duradoura e que gera amor. Tudo está em jogo. Nada é mais importante na vida que ver Jesus como ele realmente é e, acima de tudo, provar o que vemos.

Os céus declararam a glória de Deus...

SALMOS 19.1

Pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

2CORÍNTIOS 4.6

Vendo e provando a glória de Deus

O objetivo supremo de Jesus Cristo

O Universo criado por Deus é todo envolto em glória. O mais profundo anseio do coração humano e o mais profundo significado do céu e da terra estão resumidos nesta expressão: a glória de Deus. O Universo foi feito para proclamar essa glória, e nós fomos feitos para vê-la e prová-la. Nada mais pode ser comparado a isso. E, porque temos trocado a glória de Deus por outras coisas (Rm 1.23), o mundo está tão desordenado e enfermo.

“Os céus declaram a glória de Deus...” (Sl 19.1). É por isso que todo o Universo existe. Ele é todo glória. A sonda espacial Hubble nos envia imagens infravermelhas de longínquas galáxias, distantes talvez 12 bilhões de anos luz da Terra (12 bilhões vezes 9,6 trilhões de quilômetros). Até mesmo dentro de nossa Via-Láctea, existem estrelas grandes demais para serem desritas, como, por exemplo, a Eta Carinae, cujo brilho é cinco milhões de vezes mais intenso que o do Sol.

Às vezes, as pessoas se assustam diante dessa imensidão quando comparada à aparente insignificância do homem. Isso nos tor-

na infinitamente pequenos. Porém, o significado dessa grandeza não diz respeito a nós. Diz respeito a Deus. “Os céus declaram a glória de Deus”, diz a Bíblia. O motivo para “desperdiçar” um espaço tão grande no Universo para abrigar seres humanos tão ínfimos é um assunto de domínio de nosso Criador, não nosso. “Ergam os olhos e olhem para as alturas. Quem criou tudo isso? Aquele que põe em marcha cada estrela do seu exército celestial, e a todas chama pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão imensa a sua força, que nenhuma delas deixa de comparecer!” (Is 40.26).

O anseio mais profundo do coração humano é conhecer e apreciar a glória de Deus. Fomos feitos com essa finalidade. Diz o Senhor Deus: “... De longe tragam os meus filhos, e dos confins da terra as minhas filhas [...] a quem criei *para minha glória...*” (Is 43.6,7; grifo do autor). Paravê-la, para prová-la e para proclamá-la — é por isso que existimos. As insondáveis e incalculáveis extensões do Universo criado por Deus não passam de uma alegoria acerca das inesgotáveis “riquezas de sua glória” (Rm 9.23). O olho físico deve dizer ao olho espiritual: “Não a este, mas ao Criador deste, é o desejo de tua alma”. Paulo disse: “... e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2). Ou, mais precisamente, ele disse que Deus nos “preparou de antemão para glória” (Rm 9.23). É por isso que fomos criados — para que Deus pudesse “tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia” (Rm 9.23).

Cada coração humano anseia por isso. Mas nós reprimimos e desprezamos “o conhecimento de Deus” (Rm 1.28). Por conseguinte, toda a criação está em desordem. O exemplo mais visível disto na Bíblia é a desordem de nossa vida sexual. Paulo diz que trocar a glória de Deus por outras coisas é a principal causa da desordem homossexual (e heterosexual) de nossos relacionamentos. “... Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. [...] os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de

paixão uns pelos outros” (Rm 1.26,27). Se trocarmos a glória de Deus por coisas banais, ele nos abandonará a uma vida de depravação — que espelhará, em nossa miséria, a derradeira traição.

A questão principal é esta: Fomos criados para conhecer e valorizar a glória de Deus acima de todas as coisas; e quando trocamos esse tesouro por imagens, tudo fica em desordem. O sol da glória de Deus foi feito para brilhar no centro do sistema solar de nossa alma. E quando ele brilha, todos os planetas de nossa vida giram corretamente em torno de sua órbita. Mas quando o sol muda de lugar, todas as outras coisas se desorganizam. A cura da alma começa quando a glória de Deus volta a ocupar o seu lugar no centro, cujo resplendor atrai tudo para si.

Todos nós necessitamos da glória de Deus, não da nossa própria glória. Ninguém vai ao Grand Canyon para aumentar a auto-estima. Por que vamos, então? Porque, quando contemplamos algo maravilhoso, existe uma cura maior para a alma do que quando contemplamos a nós mesmos. Na verdade, o que poderia ser mais ridículo neste imenso e glorioso Universo do que um ser humano, vivendo numa partícula chamada Terra e em pé diante de um espelho tentando encontrar significado em sua imagem ali refletida? Que lástima saber que este é o evangelho do mundo moderno!

Mas esse não é o evangelho cristão. Em meio às trevas da insignificante autopreocupação brilhou “a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Co 4.4; grifo do autor). O evangelho cristão diz respeito à “glória de Cristo”, não à minha glória. E quando, de certa forma, *diz respeito* a mim, não é porque fui considerado importante por Deus, mas porque, por sua misericórdia, ele me faz sentir feliz por considerá-lo importante pelo resto de minha vida.

Qual foi a maior demonstração de amor que Jesus deu em relação a nós? Qual foi o ponto culminante, o ponto sublime do evangelho? Redenção? Perdão? Justificação? Reconciliação? Santificação? Adoção? Será que todas essas maravilhas não significam que existe algo maior? Algo final? Algo que Jesus pediu

que o Pai nos concedesse? — “Pai, quero que os que me deste estejam comigo onde eu estou e vejam a minha glória, a glória que me deste...” (Jo 17.24; grifo do autor).

O evangelho cristão é o “evangelho da glória de Cristo” porque seu objetivo final é que possamos ver, provar e mostrar a glória de Cristo, que nada mais é do que a glória de Deus. “O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser...” (Hb 1.3). “Ele é a imagem do Deus invisível...” (Cl 1.15). Quando a luz do evangelho brilha em nossos corações, ela é a “iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6). E quando “nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2), essa esperança é “a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tt 2.13; grifo do autor). A glória de Cristo é a glória de Deus. (Ver o capítulo dois.)

Em certo sentido, Cristo afastou-se da glória de Deus quando veio ao mundo: “E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que *eu tinha* contigo antes que o mundo existisse” (Jo 17.5; grifo do autor). Mas, por outro lado, Cristo manifestou a glória de Deus em sua vinda ao mundo: “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14; grifo do autor). Por conseguinte, no evangelho, vemos e provamos a “glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6). E essa “visão” é a cura para nossa vida desordenada. “E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem *estamos sendo transformados com glória cada vez maior...*” (2Co 3.18; grifos do autor).

UMA ORAÇÃO

Pai de glória, este é o clamor do nosso coração: Queremos ser transformados com glória cada vez maior até que, na resurreição, no ressoar da última trombeta, estejamos completamente amoldados à imagem de teu Filho, Jesus Cristo, nosso

Senhor. Enquanto aguardamos esse momento, desejamos crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor, principalmente no conhecimento de sua glória. Queremos vê-la de maneira tão clara quanto vemos a luz do Sol, e prová-la até o ponto de desfrutarmos do mais puro prazer. Deus misericordioso, inclina nossos corações para a tua Palavra e as maravilhas de tua glória. Afasta-nos de nosso apego a coisas banais. Abre os olhos de nosso coração para vermos, a cada dia, o que o Universo criado por ti está nos dizendo a respeito de tua glória. Ilumina nossa mente para vermos a glória de teu Filho no evangelho. Cremos que tu és o Deus todo-glorioso, e não existe ninguém que se assemelhe a ti. Aumenta-nos a fé. Perdoa-nos por não concentrarmos nossa afeição em ti e pela atenção indevida que damos a coisas menos importantes. Tem misericórdia de nós, por amor de Cristo, e incute em nós o teu grande desígnio de mostrarmos a glória de tua graça. Em nome de Jesus, oramos. Amém.

“... Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!”

JOÃO 8.58

No princípio era aquele que é a Palavra.

Ele estava com Deus, e era Deus...

JOÃO 1.1

*Pois em Cristo habita corporalmente
toda a plenitude da divindade.*

COLOSSENSES 2.9

Jesus é a glória de Deus

A divindade de Jesus Cristo

Não é para que nos tornemos importantes que Cristo existe. Antes, nós é que existimos para que ele seja importante, e para que nos alegremos com isso. O objetivo deste livro é entender que as glórias de Cristo são um fim, não um meio. O objetivo da glória de Cristo não é nos tornar ricos ou saudáveis. Cristo é glorioso para que, na riqueza ou na pobreza, na saúde ou na doença, possamos nos alegrar nele.

A primeira e extraordinária glória que sustenta todas as outras é a existência eterna de Cristo. Se meditarmos nessa afirmação, conforme é nosso dever, a frágil embarcação de nossa alma adquirirá grande estabilidade. A existência absoluta é, talvez, o maior de todos os mistérios. Reflita sobre o caráter absoluto da realidade. Deve ter existido algo que nunca foi formado. O estudo de eras remotas e longínquas nos leva a um ponto em que nada existia. Alguém teve a honra de ser o primeiro, o que sempre existiu. Ele nunca veio a ser, nunca se desenvolveu. Ele simplesmente era. A quem pertence essa glória absoluta e singular?

A resposta é Cristo, a pessoa que o mundo conhece como Jesus de Nazaré.

O apóstolo João, que escreveu o último livro da Bíblia, recebeu a revelação decisiva. Ele cita as palavras: “Eu sou o Alfa e o Ômega”, diz o Senhor Deus, “o que é, o que era e o que há de vir, o Todo-poderoso” (Ap 1.8). Não é Cristo quem diz isso. É o Deus Todo-Poderoso. Ele diz ser o “Alfa” e o “Ômega” — a primeira e a última letras do alfabeto grego. No alfabeto, não se pode dizer qualquer coisa (ou nada) antes do alfa. Não existe nenhum “pré-alfa” no alfabeto. Também não se pode dizer qualquer coisa (ou nada) depois do ômega. Não existe nenhum “pós-ômega” no alfabeto.

O mesmo ocorre com Deus e a realidade. Não existe nenhum “pré-Deus” e nenhum “pós-Deus”. Ele está absolutamente presente, quer em tempos remotos, quer em tempos futuros. Ele é a Realidade absoluta. Ele tem a honra de ser o primeiro, o que sempre existiu. A ele pertence essa glória singular.

Este é o significado essencial de seu nome no Antigo Testamento: Yahweh (ou Jeová), formado a partir do verbo “ser”. Quando Moisés quis saber o nome de Deus, o Senhor lhe disse: “... EU SOU O QUE SOU. É isto que você dirá aos israelitas: EU SOU me enviou a vocês” (Êx 3.14; grifos do autor). Esse “Eu Sou” é explicado em Isaías como uma Realidade absoluta e eterna — passada e futura. “Vocês são minhas testemunhas”, declara o SENHOR [...] ‘para que vocês saibam e creiam em mim e entendam que eu sou Deus. Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim’” (Is 43.10; grifos do autor). Ser “Eu Sou” é ser absolutamente o primeiro e o último. Nada “antes”, nada “depois”. Simplesmente “Eu Sou”.

Deus torna isso explícito em Isaías 44.6: “Assim diz o SENHOR, o rei de Israel, o seu redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último; além de mim não há Deus” (grifos do autor). E ele diz novamente em Isaías 48.12: “Escute-me, ó Jacó, Israel, a quem chamei: Eu sou sempre o mesmo; eu sou o primeiro

e eu sou o último” (grifos do autor). Este é o seu nome: Yahweh — aquele que é absoluto, eterno e invencível. Ele possui a glória exclusiva e singular de *sempre ter sido*, quando nada existia. E nunca haverá nada que dure mais que ele. É isto que significa ser Deus.

E o que isso tem a ver com Cristo, a quem conhecemos como Jesus de Nazaré?

Tudo. Próximo ao fim da revelação, o apóstolo João citou Jesus Cristo: “Eis que venho em breve! [...] Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim [...]. Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas...” (Ap 22.12,13,16; grifo do autor). É Cristo quem está falando, não Deus, o Pai. Ora, dois não podem ser “Alfa e Ômega”, a menos que sejam um. Dois não podem ser absolutamente “o primeiro e o último”, a menos que sejam um. Mesmo assim, Cristo (que chama a si mesmo de Jesus) reivindica para ele a mesma honra e glória pertencentes a Deus, o Todo-Poderoso (ver também Ap 1.17,18; 2.8).

Cristo assumiu para si o nome exclusivamente glorioso de Deus: “Eu Sou”. “Respondeu Jesus: ‘Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!’” (Jo 8.58; grifo do autor). E Jesus diz a seus discípulos, perto do fim de sua vida: “Estou lhes dizendo antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, vocês creiam que Eu Sou” (Jo 13.19; grifo do autor — v. Jo 8.24). Não existe nada maior que um homem possa dizer a respeito de si mesmo. Ou isso é verdade, ou é blasfêmia. Ou Cristo foi Deus, ou não o foi.

João soube discernir: “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus [...]. Aquele que é a Palavra tornou-se carne [...]. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai...” (1.1,14; grifo do autor). Jesus Cristo, a “Palavra”, foi “Unigênito” — não foi feito em determinada época, mas é eterno. Duas Pessoas representando um só Deus, não dois Deuses — o “Filho” Unigênito vindo do “Pai”, uma divindade essencial.

Este é o grande mistério, como poderíamos prever. Mas é o que Deus revelou acerca de si mesmo.

O apóstolo Paulo também conheceu a glória exclusiva pertencente a Cristo. Ele é o “Cristo, que é Deus acima de todos, bendito para sempre! Amém” (Rm 9.5). Todavia, “embora sendo Deus, [ele] não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo” (Fp 2.6,7; grifos do autor). Por conseguinte, “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9; grifo do autor — v. 1.19). E nós, os cristãos, não estamos aguardando a chegada de um simples homem, mas “a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tt 2.13; grifos do autor — v. também 2Pe 1.1).

É por isso que o escritor de Hebreus diz, com intrepidez, que todos os anjos *adoram* a Cristo. Cristo não é o chefe dos anjos que adora a Deus. Ele é *adorado* por todos os anjos *como* Deus. “E ainda, quando Deus introduz o Primogênito no mundo, diz: ‘Todos os anjos de Deus o adorem’” (Hb 1.6). Porque ele é o Criador de tudo o que existe, e é o próprio Deus: “Mas a respeito do Filho, diz: ‘O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre [...]. No princípio, Senhor, firmaste os fundamentos da terra...’” (Hb 1.8,10). Portanto, o Pai testifica a divindade do Filho. Ele “é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa” (Hb 1.3).

Jesus Cristo é o Criador do Universo. Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último. Jesus Cristo nunca teve começo. Ele é a Realidade absoluta. Ele possui a honra inigualável e a glória singular de ser o primeiro, o que sempre existiu. Ele nunca veio a ser. Ele é o Unigênito eternamente. O Pai deleita-se eternamente no “resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser” (Hb 1.3), na Pessoa de seu Filho.

Ver e provar essa glória é o objetivo de nossa salvação. “Pai, quero que os que me deste estejam comigo onde eu estou e vejam

a minha glória, a glória que me deste...” (Jo 17.24; grifo do autor). Regozijar-se nestas palavras para sempre é o objetivo de nosso ser que foi criado e de nosso ser que foi redimido.

UMA ORAÇÃO

Pai Eterno, tu nunca tiveste começo. Jamais terás fim. És o Alfa e o Ômega. Cremos nisso, porque o revelaste a nós. Nosso coração se alegra com gratidão porque abriste nossos olhos para verem e conhecerem que Jesus Cristo é o teu Filho eterno e divino, teu Filho Unigênito, e que tu, ó Pai, e ele, teu Filho, são um só Deus. Trememos ao colocar essas verdades gloriosas em nossos lábios com receio de ofender-te com palavras desonrosas e inadequadas. Mas precisamos proferi-las porque precisamos louvar-te. O silêncio nos encheria de vergonha, porque até mesmo as pedras clamariam. Deves ser louvado pelo que és no mundo que criaste. E devemos agradecer-te porque nos concedeste o privilégio de provar e ver a glória de Jesus Cristo, teu Filho. Oh, queremos conhecê-lo! Sim, Pai, ansiamos por conhecê-lo. Apaga de nossa mente quaisquer pensamentos indignos a respeito de Cristo. Sacia nossa alma com o Espírito de Cristo e toda a sua grandeza. Aumenta nossa capacidade de nos alegrar nele por tudo o que tu és para nós. Todas as vezes que a carne e o sangue forem impotentes, revela-nos o Cristo e concentra nossa atenção e afeto na verdade e beleza de teu glorioso Filho. E concede-nos que, na riqueza ou pobreza, na saúde ou doença, possamos ser transformados por ele e nos tornarmos um eco de sua auspiciosa presença no mundo. Em nome de Jesus, oramos. Amém.

O Leão e o Cordeiro

A excelência de Jesus Cristo

... *Vi um Cordeiro,
que parecia ter estado morto [...].
Ele tinha sete chifres
e sete olhos...*

APOCALIPSE 5.6

O leão é admirável por sua força, ferocidade e aparência de rei. O cordeiro é admirável por sua mansidão e por fornecer lã para nossas roupas, com a humildade de um servo. O mais admirável de tudo, porém, é um cordeiro semelhante a um leão e um leão semelhante a um cordeiro. O que torna Cristo glorioso, conforme Jonathan Edwards comentou há mais de 250 anos, é “um conjunto admirável de características excelentes e diversificadas”.¹

Por exemplo, admiramos Cristo por sua transcendência, mas o admiramos mais ainda porque a transcendência de sua grandeza se mistura com submissão a Deus. Maravilhamo-nos nele porque sua justiça inflexível é temperada com misericórdia. Sua majestade é adoçada com meiguice. Apesar de igualar-se a Deus, ele tem uma profunda reverência *por* Deus. Apesar de ser digno de tudo o que é bom, ele foi paciente para sofrer o que é mau. Seu domínio soberano sobre o mundo foi revestido de um espírito de obediência e submissão. Ele confundiu os orgulhosos escribas com sua sabedoria, mas foi simples a ponto de ser amado pelas crianças.

Ele acalmou a tempestade com uma só palavra, mas não destruiu com um raio os samaritanos, nem fugiu do martírio da cruz.

A glória de Cristo não é fácil de ser compreendida. É um conjunto de qualidades extremamente diversificadas em uma só pessoa. Vemos isso no Novo Testamento, no livro de Apocalipse: "... Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos" (5.5; grifo do autor). Eis o Cristo triunfante, semelhante a um leão, pronto para abrir o livro da história.

Mas o que lemos no versículo seguinte? "Depois vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos. Ele tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra" (v. 6; grifo do autor). Portanto, o Leão é um Cordeiro — um animal fraco, inofensivo, humilde, fácil de ser capturado, que fornece lã para nossas roupas e é morto para nos servir de alimento. Cristo é um Leão semelhante a um cordeiro.

O Leão de Judá venceu porque se dispôs a representar o papel de cordeiro. Ele entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos como um rei a caminho do trono, e saiu de Jerusalém na Sexta-feira Santa como um cordeiro a caminho do matadouro. Expulsou os ladrões do Templo como um leão devorando sua presa. E, no fim da semana, entregou seu majestoso pescoço à faca, e o Leão de Judá foi abatido como um cordeiro sacrificial.

Mas que tipo de cordeiro é esse? Apocalipse 5.6 diz que o "Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé [...] tinha sete chifres". Observe duas coisas. Primeiro, o Cordeiro está "em pé". Ele não está caído no chão e mergulhado em sangue como esteve antes. Sim, ele foi morto. Mas agora está em pé — em pé no centro do trono.

Em segundo lugar, o Cordeiro tem sete chifres. O chifre é símbolo de força e poder ao longo de todo o livro de Apocalipse (12.3; 13.1; 17.3,12), bem como no Antigo Testamento (Dt 33.17; Sl 18.2; 112.9). E o número sete significa abundância e plenitude.

Portanto, esse não é um cordeiro comum. Ele ressuscitou dentre os mortos e é totalmente poderoso em sua força multiplicada por sete. Ele é, de fato, um Cordeiro semelhante a um leão.

Vemos isso com grande temor em Apocalipse 6.16, quando os homens gritam às montanhas e às rochas: "Caiam sobre nós e escondam-nos [...] da ira do Cordeiro!". E vemos também em Apocalipse 17.14: "Guerrearão contra o Cordeiro, mas o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis..." .

Portanto, Cristo é um Leão semelhante a um cordeiro e um Cordeiro semelhante a um leão. Esta é a sua glória: "um conjunto admirável de características excelentes e diversificadas".

Esse glorioso conjunto brilha com todo o seu esplendor porque se harmoniza perfeitamente com nosso cansaço e desejo de grandeza. Jesus disse: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração..." (Mt 11.28,29). A mansidão e humildade desse Leão semelhante a um cordeiro aliviam nosso cansaço. E nós o amamos por isso. Se ele apenas recrutasse de modo idêntico à Marinha, que exige força, estaríamos completamente perdidos.

Mas sozinha essa qualidade de mansidão não seria gloriosa. A mansidão e humildade do Leão semelhante a um cordeiro tornam-se brilhantes ao lado da autoridade ilimitada e eterna do Cordeiro semelhante a um leão. Só isso se encaixa em nosso desejo de grandeza. Sim, estamos fracos, cansados e sobrecarregados. Mas, pelo menos de tempos em tempos, arde em cada coração o sonho de que nossa vida represente algo grandioso. Para esse sonho, Jesus disse: "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações [...]. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28.18-20).

O Cordeiro semelhante a um leão nos exorta a buscarmos coragem em sua autoridade absoluta sobre toda a realidade. E, em toda a sua autoridade, ele nos lembra que estará conosco até o fim dos tempos. É disto que necessitamos — um campeão, um

líder invencível. Também a nós, simples mortais, não é fácil compreender. Somos dignos de piedade, mas temos paixões arrebatadoras. Somos fracos, mas sonhamos realizar maravilhas. Nossa vida é transitória, mas a eternidade está escrita em nosso coração. A glória de Cristo brilha com todo o seu esplendor porque o conjunto de suas características excelentes e diversificadas se harmoniza perfeitamente com nossa complexidade.

Certa vez, esse Leão semelhante a um cordeiro sofreu opressão e aflição. Ele foi levado ao matadouro. Como uma ovelha que permanece em silêncio diante de seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca (Is 53.7). Mas no dia final não será assim. O Leão semelhante a um cordeiro se transformará em Cordeiro semelhante a um leão e, com a serenidade de um rei, tomará seu lugar à beira do lago de fogo, onde seus inimigos impenitentes serão atormentados “com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro [...] para todo o sempre” (Ap 14.10,11).

UMA ORAÇÃO

Deus Todo-Poderoso e compassivo, nós exultamos quando refletimos em teu poderoso e misericordioso Filho, nosso Senhor, Jesus Cristo. Regozijamo-nos na força do seu poder semelhante ao de um leão e na ternura de sua mansidão semelhante à de um cordeiro. Somos fortalecidos pelo incomparável conjunto de suas qualidades excelentes, o que nos dá a certeza de que não existe ninguém como ele, e que ele não é um simples homem como tantos outros. Concede-nos, em nossa atitude arrogante de indiferença, a bênção de tremermos diante do Leão de Judá e de nos humilharmos sob sua santidade arrebatadora. E concede-nos, em nossa fragilidade e medo, a bênção de adquirirmos a coragem do Cordeiro semelhante a um leão. Oh, como necessitamos de Cristo! Abre-nos os olhos para que possamos ver a plenitude de suas qualidades excelentes. Elimina as imagens falsas e distorcidas de teu Filho que enfraquecem nossos momentos de adoração e prejudicam nossa obediência.

Que o poder do Leão e o amor do Cordeiro tornem nossa fé em Cristo inabalável. Afasta de nós sonhos insignificantes, aventuras tímidas e planos vacilantes. Incentiva-nos. Fortalece-nos. Que possamos amar com ardor e humildade. Que possamos compartilhar com outras pessoas a confiança do Leão de Judá por meio da qual o teu Filho se dispôs a morrer como um Cordeiro e ressuscitar com júbilo eternamente. Concede-nos também que possamos ver a glória de Cristo e que tu sejas honrado por intermédio dele. Em nome de Jesus, oramos. Amém.

A alegria indestrutível

A alegria de Jesus Cristo

“... Deus, o teu Deus, escolheu-te dentre os teus companheiros, ungindo-te com óleo de alegria”.

HEBREUS 1.9

“Muito bem, servo bom e fiel! [...] Venha e participe da alegria do seu senhor!”

MATEUS 25.21

Se você for resgatado por um salva-vidas das águas turbulentas do Oceano Atlântico, não vai querer saber se ele se sente ou não triste. Quando estiver abraçando sua família na praia, não vai se preocupar com a saúde mental daquele que o salvou de um afogamento. Mas com a salvação que nos é concedida por Jesus, as coisas são bem diferentes. Jesus não nos salva para nossa família, mas para ele mesmo. E se ele estiver entristecido, nossa salvação não nos trará alegria. Não será para nós uma grande salvação.

O próprio Jesus — e tudo o que Deus representa para nós por meio dele — é nossa grande recompensa, e ponto final. “Eu sou o pão da vida...” [...] “... Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 6.35; 7.37). A salvação não significa apenas perdão de pecados, mas, acima de tudo, comunhão com Jesus (1Co 1.9). O perdão tira todos os empecilhos do caminho para que isso possa acontecer. Se essa comunhão não for plenamente prazerosa, não haverá grande salvação. Se Cristo estiver triste, ou até mesmo indiferente, a eternidade não passará de um longo, longo suspiro.

Mas a glória e a graça de Jesus nos mostram que ele é, e sempre será, uma alegria indestrutível. Eu digo glória de Jesus porque a tristeza não é gloriosa. E digo graça de Jesus porque a melhor coisa que ele tem para nos dar é a sua alegria. “Tenho lhes dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa” (Jo 15.11 — v. também 17.13; grifo do autor). Jesus não seria totalmente misericordioso se simplesmente aumentasse minha alegria até o seu ponto máximo e, depois, deixasse de conservar dentro de mim essa alegria. Minha capacidade de me manter alegre é muito limitada. Assim, além de se oferecer para ser o objeto divino de minha alegria, Cristo derrama sua própria alegria em meu ser, para que eu possa alegrar-me nele com a verdadeira alegria de Deus. Isto é glória, e isto é graça.

Não é glorioso ser triste. E Cristo nunca foi triste. Desde a eternidade, ele tem sido o espelho da infinita jovialidade de Deus. A Sabedoria de Deus proferiu estas palavras em Provérbios 8.30: “... eu estava ao seu lado, e era o seu arquiteto; dia a dia eu era o seu prazer e me alegrava continuamente com a sua presença”. O Cristo eterno, a alegria de Deus e igualmente autor da criação, estava sempre se alegrando na presença de Deus. Essa afirmação se repete duas vezes no Novo Testamento.

Em Hebreus 1.8,9, Deus diz ao Filho, não aos anjos, estas palavras maravilhosas: “O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre. [...]. Amas a justiça e odeias a iniqüidade; por isso Deus, o teu Deus, escolheu-te dentre os teus companheiros, ungindo-te com óleo de alegria” (grifo do autor). Jesus Cristo é o ser mais feliz do Universo. Sua alegria é maior que a alegria de todos os anjos do céu. Ele espelha perfeitamente o júbilo infinito, santo e incontido de seu Pai.

Outra vez, em Atos 2.25-31, Pedro interpreta o salmo 16 para referir-se a Cristo: “Eu sempre via o Senhor diante de mim. Porque ele está à minha direita, não serei abalado. Por isso o meu coração está alegre e a minha língua exulta [...] porque tu não me

abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu Santo sofra decomposição. [...] e me encherás de alegria na tua presença” (grifos do autor). O Cristo ressurreto afastará as sombras da morte e se alegrará com a verdadeira alegria de Deus. A glória de Cristo é sua alegria infinita, eterna e indestrutível na presença de Deus.

Mas se não é glorioso ser triste, também não é glorioso ser indiferente. A alegria despreocupada de um salão de baile e a alegria irreprimível em um gulag russo não são iguais. Uma é banal, a outra é triunfante. Uma é indiferente, a outra é gloriosa. Há um sorriso artificial que nunca soube o que significa sofrimento. E isso não é digno de um bom pastor ou de um grande Salvador. E Cristo é um grande Salvador.

Por conseguinte, esse homem de alegria indestrutível foi “um homem de dores e experimentado no sofrimento” (Is 53.3). “... A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo” (Mt 26.38). Esse “grande sumo sacerdote” é capaz de compadecer-se de nossa fraqueza, porque sofreu todo tipo de provação como um homem igual a nós (Hb 4.14,15). Ele chorou com os que choravam (Jo 11.35) e alegrou-se com os que se alegravam (Lc 10.17,21). Ele teve fome (Mt 4.2), sentiu cansaço (Jo 4.6), foi abandonado (Mt 26.56), traído (Mt 26.45), açoitado (Mt 27.26), sofreu zombaria (Mt 27.31) e foi crucificado (Mt 27.35).

Alegria incontida não significa que existe apenas alegria. Será, então, que Cristo teve os seus sentimentos divididos entre a alegria e a tristeza? Poderia uma alma infinitamente gloriosa ser atormentada? Atormentada, sim, mas não dividida e desunida. Cristo foi complexo, mas não foi perturbado. Havia notas divergentes na música de sua alma, mas o resultado foi uma sinfonia. A complexa estratégia de guerra de um general pode dar ao inimigo um triunfo temporário, mas a grande vitória final será do general. Não existe nenhum sinal de perturbação na mente do general, a não ser na imaginação daqueles que estão vendendo apenas uma

parte do campo de batalha. Mas a glória é do general. O Oceano Pacífico pode estar sendo atormentado por tempestades e vendavais, mas, visto de cima, a uma altura de 160 quilômetros, nota-se apenas uma imensa quantidade de águas profundas, calmas e gloriosas.

Nos momentos de agonia no Getsêmani e no Gólgota, Jesus foi sustentado por uma alegria indestrutível. "... Ele, pela *alegria* que lhe fora proposta, suportou'a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus" (Hb 12.2; grifo do autor). E qual foi essa alegria que o sustentou? Foi a alegria de receber a adoração daqueles por quem ele morreu, a fim de que se alegrassem em Deus. O Bom Pastor alegra-se quando encontra uma ovelha perdida (Mt 18.13). Imagine como ele se alegra quando encontra exércitos incontáveis de almas resgatadas!

Será que existe aqui uma lição sobre a forma pela qual devemos sofrer? Você já notou que não devemos apenas imitar o sofrimento do Senhor, mas também a *alegria* do Senhor no sofrimento? Paulo disse aos tessalonicenses: "De fato, vocês se tornaram [...] imitadores [...] do Senhor, pois, apesar de muito sofrimento, receberam a palavra com *alegria* que vem do Espírito Santo" (1Ts 1.6; grifo do autor). Foi a alegria do Senhor na aflição que alimentou aquela jovem igreja.

Este é o chamado para nós em nossos dias. Será que aceitaremos sofrer pela causa de Cristo? Não com tristeza, mas simplesmente sofrendo. Será que atenderemos ao chamado registrado em Hebreus 13.13: "Portanto, saiamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou"? A resposta está nesta questão: A cidade de Deus é mais desejável para nós que a cidade do homem? Será que responderemos: "Não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir" (Hb 13.14)? Ou nos apegaremos aos tesouros transitórios do Egito (Hb 11.25,26)?

Para aqueles que têm provado a alegria de Jesus, não existe nada mais convincente do que a esperança inigualável de ouvir

sua palavra final: "Muito bem, servo bom e fiel! [...] Venha e participe da *alegria* do seu senhor!" (Mt 25.21; grifo do autor). A cidade de Deus é uma cidade de alegria. E essa alegria é a alegria indestrutível de Cristo.

UMA ORAÇÃO

Pai, é um grande conforto saber que tu e teu Filho jamais são indiferentes e jamais são tristes. Regozijamo-nos na verdade de que podes ser infinitamente feliz sem seres insensível ao nosso sofrimento. Maravilhamo-nos porque a luz da alegria de Jesus forma um arco-íris nas lágrimas de seu rosto. Desejamos que o mesmo ocorra conosco. Queremos ser fortes e inabaláveis na alegria de nossa fé. Mas não queremos nos esquecer da crueldade de nosso pecado, nem do sofrimento das outras pessoas. Senhor Deus, incute em nosso coração a promessa de teu Filho quando ele disse que sua alegria estaria em nós e que nossa alegria seria completa. Que a alegria — porção do fruto do Espírito — floresça em nossa vida. Sacia-nos de manhã com teu amor imutável, para que possamos nos regozijar e nos alegrar em ti. Desperta nossa alma letárgica do sono da indiferença. Leva embora a apatia de nosso coração. Atiça a chama do zelo pela glória de teu nome. Que Cristo possa habitar em nosso coração com sua alegria indestrutível e que, a cada dia, nos assemelhemos mais e mais à sua alegre imagem. E que sejamos um lugar de abrigo e eterno refrigério para este mundo sem esperança e em busca de alegria, que não sabe que necessita ardenteamente da glória da alegria de Deus em Jesus Cristo. No nome dele, oramos. Amém.

As ondas e os ventos ainda conhecem a sua voz

*Não há qualquer planta ou flor abaixo,
Mas tu fazes a tua glória conhecida;
As nuvens se elevam e os vendavais sopram,
Por ordem vinda de teu trono.*

ISAAC WATTS

"I sing the mighty power of God"

[Eu canto o grande poder de Deus]

*"... Quem é este que até o vento
e o mar lhe obedecem?"*

MARCOS 4.41

O poder de Jesus Cristo

Em julho de 1995, minha esposa, Noël, dois de nossos filhos e eu estávamos deitados no chão, agarrados uns aos outros e distantes das janelas, sofrendo os efeitos diretos do furacão Erin, em Pensacola, Flórida. Um lindo pinheiro antigo foi derrubado e destruiu um dos cantos de nosso quarto. Durante o olho do furacão, nós pudemos sair e andar calmamente para ver a devastação que ele havia feito. De repente, cerca de vinte minutos depois, tivemos de nos abrigar novamente enquanto a tempestade derrubava chaminés, e os carros eram esmagados pelos galhos do carvalho, tão pesados como os de uma árvore centenária.

*Deus passeou pela praia —
Nossos pés e rostos não suportaram
a areia áspera e escaldante.*

*Deus afastou-se da praia —
As palmeiras curvaram-se,
espalhando galhos em seu caminho.*

*Deus adentrou o continente —
Magnólias, pinheiros e carvalhos,
Que se esticaram durante cem anos em direção a Deus,
Prostraram-se diante de sua presença.*

*Deus levantou-se e respirou fundo —
Enquanto nós — trancados no escuro —
Temíamos contemplar sua glória.*

Foi um momento de êxtase, de intensa adoração a Deus diante de seu poder arrebatador e incontrolável. As perdas, embora dolorosas, foram insignificantes em comparação com a destruição provocada em Honduras pelo furacão Mitch, em 1998, que ceifou 10 mil vidas — e, que por sua vez, foi insignificante em comparação com o ciclone que matou 131 mil pessoas em Bangladesh, em 30 de abril de 1991, e deixou 9 milhões de desabrigados. Quando estamos sob os destroços deixados por um desses fenômenos da natureza, temos duas opções de escolha: adorar ou amaldiçoar.

Foi um vendaval que matou os dez filhos de Jó: "... um vento muito forte veio do deserto e atingiu os quatro cantos da casa, que desabou. Eles [seus filhos] morreram..." (Jó 1.19). Depois que Jó teve o corpo coberto de feridas, sua esposa lhe disse: "... Amaldiçoe a Deus, e morra!" (2.9; grifo do autor). Mas a reação de Jó diante da morte dos filhos foi diferente: "Ao ouvir isso, Jó levantou-se, rasgou o manto e rapou a cabeça. Então prostrou-se, rosto em terra, em adoração, e disse: '... O SENHOR o deu, o SENHOR o levou; louvado seja o nome do SENHOR'" (1.20,21; grifo do autor). E depois que teve o corpo coberto de feridas, ele disse à esposa: "... Você fala como uma insensata. Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?" (2.10).

Tanto o bem como o mal — e não somente o bem — são obras de Deus e fundamentos de adoração ao Senhor. Mais adiante no livro de Jó, Eliú diz claramente: "A tempestade sai da sua câmara [...]. O sopro de Deus [...] carrega de umidade as nuvens, e entre elas espalha os seus relâmpagos. Ele as faz girar, circulando

sobre a superfície de toda a terra, para fazerem tudo o que ele lhes ordenar. Ele traz as nuvens, ora para castigar os homens, ora para regar a sua terra [...]. Escute isto, Jó; pare e reflita nas maravilhas de Deus" (37.9-14).

O salmo 29 descreve e comemora esta maravilha, a tempestade: "... o Deus da glória troveja [...] a voz do SENHOR é majestosa. A voz do SENHOR quebra os cedros [...]. A voz do SENHOR [...] despe as florestas. E no seu templo todos clamam: 'Glória!'” (v. 3-5,9,10).

É a glória de Deus que, com seu braço poderoso, domina o vento e o trovão. "... o SENHOR é grande [...]. O SENHOR faz tudo o que lhe agrada, nos céus e na terra [...] envia os relâmpagos que acompanham a chuva e faz que o vento saia dos seus depósitos" (Sl 135.5-7). "Louvem o SENHOR, vocês que estão na terra, serpentes marinhas e todas as profundezas, relâmpagos e granizo, neve e neblina, vendavais que cumprem o que ele determina..." (Sl 148.7,8). Isaac Watts estava com os pés na terra e a cabeça no céu quando escreveu: "As nuvens se elevam e os vendavais sopraram, por ordem vinda de teu trono".

Portanto, não é de admirar que quando Cristo veio ao mundo toda a natureza se tenha curvado diante de sua autoridade. Ele deu uma ordem, e o vento lhe obedeceu. E os discípulos maravilharam-se diante disso e o adoraram. "Levantou-se um forte vendaval, e as ondas se lançavam sobre o barco [...]. Ele [Jesus] se levantou, repreendeu o vento e disse ao mar: 'Aquieta-se! Acalme-se!' O vento se aquietou, e fez-se completa bonança [...]. Eles [os discípulos] estavam apavorados e perguntavam uns aos outros: 'Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?'" (Mc 4.37-41).

As águas obedeceram a Jesus mais de uma vez. A uma ordem dele, as águas se tornaram "sólidas" sob seus pés, e ele andou sobre elas. Ao verem isso, os discípulos "o adoraram, dizendo: 'Verdadeiramente tu és o Filho de Deus'" (Mt 14.33). Em outra ocasião, num casamento em Caná, ele ordenou e a água trans-

formou-se em vinho. Esta foi a impressão que o milagre causou em João: "... Revelou assim a sua glória, e os seus discípulos creiram nele" (2.11). O vento e a água fazem tudo o que o Senhor Jesus lhes ordena — Acalme-se. Suporte peso. Transforme-se em vinho. As leis naturais foram criadas por Cristo e se modificam a uma ordem dele.

A composição de todas as coisas não foi apenas criação de Cristo (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2); essas coisas por ele criadas são também sustentadas, momento após momento no Universo inteiro, de acordo com sua vontade. "O Filho é o resplendor da glória de Deus [...] sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa..." (Hb 1.3). "... nele tudo subsiste" (Cl 1.17). Jesus Cristo define a realidade no começo e dá forma a ela a cada segundo.

Fatalidades, febres, peixes, alimentos, figueiras. Para onde quer que você olhe, vai encontrar substâncias materiais das quais Cristo é o dono absoluto. Com uma palavra, ele faz o morto reviver. "Lázaro, venha para fora!" (Jo 11.43). "Jovem, eu lhe digo, levante-se!" (Lc 7.14). "Talita cumi!", que significa 'menina, eu lhe ordeno, levante-se!' (Mc 5.41). Ele repreendeu a febre, e a sogra de Pedro foi curada (Lc 4.39). Fez um peixe engolir uma moeda para que Pedro o fsgasse com seu anzol (Mt 17.27). Pegou cinco pães e alimentou 5 mil homens (Mt 14.19-21). E fez uma figueira secar depois de tê-la amaldiçoados (Mc 11.21).

Podemos escolher uma das duas coisas: adorar ou amaldiçoiar. Perto da sepultura de Lázaro, havia um grupo de pessoas, de quem, embora os fatos ocorridos ali estivessem corretos, o entendimento era falho. Elas disseram: "Ele, que abriu os olhos do cego, não poderia ter impedido que este homem morresse?" (Jo 11.37). A resposta a essa pergunta é sim. Jesus programou sua ida à casa de Lázaro sabendo que seu amigo morreria antes que ele chegasse. Passados dois dias da morte de Lázaro, Jesus disse: "Lázaro morreu, e para o bem de vocês estou contente por não ter estado lá, para que vocês creiam" (Jo 11.14,15). Sim, ele poderia ter salvado o amigo. Poderia também ter salvado os filhos de Jó e outras 10

mil pessoas de Honduras e Guatemala, ordenando ao furacão Mitch que se desviasse para o mar, da mesma forma que fez na Galiléia.

Vamos adorar ou amaldiçoiar Aquele que governa o mundo? Os pecadores têm autoridade para decidir quem deve viver e quem deve morrer? Ou devemos repetir as palavras de Ana: "O SENHOR mata e preserva a vida; ele faz descer à sepultura e dela resgata" (1Sm 2.6)? E será que nós, com cinzas sobre a cabeça, repetiremos as palavras de adoração de Jó: "... louvado seja o nome do SENHOR" (Jó 1.21)? Aprenderemos com Tiago que existe um propósito de Deus para tudo: "... Vocês ouviram falar sobre a perseverança de Jó e viram o fim que o Senhor lhe proporcionou. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia" (Tg 5.11; grifo do autor)? Diante do vento e das ondas de aflição, devemos cantar com Katharina von Schlegel:

Aquieta-te, minha alma! O teu Deus se encarregará
De guiar-te no futuro como fez no passado;
Tua esperança e confiança jamais serão abaladas;
Tudo o que é mistério agora, um dia será revelado.

Aquieta-te, minha alma! As ondas e ventos ainda conhecem
A voz daquele que os dominou quando viveu aqui na terra.

"BE STILL MY SOUL"
[AQUIETA-TE, MINHA ALMA]

UMA ORAÇÃO

Senhor, o sofrimento no mundo está espalhado por toda parte e esse sofrimento é grande demais! Tem misericórdia e desperta as almas de milhões de sofredores, proporcionando-lhes alívio agora e uma alegria incomparável na vida futura. Concede à tua igreja, ó Deus, o alívio e a palavra do evangelho de que existe perdão de pecados mediante a fé em Cristo e faze-a entender que nenhum sofrimento aqui, por maior que seja, é comparável à glória que será revelada aos filhos de Deus.

Protege a tua igreja, Pai, dos pensamentos impuros sobre calamidades que deixam milhões de pessoas desabrigadas. Protege-a também de críticas ameaçadoras, como a que fez a esposa de Jó, para que teus filhos confiem na sabedoria, no poder e na bondade de Cristo em meio a tragédias inexplicáveis. Aumenta-nos a fé. Inclina nossos corações para tua Palavra e para as promessas de que fazes “todas as coisas conforme o conselho da tua vontade”, e que “nenhum dos teus propósitos pode ser impedido” e que estás agindo corretamente e com sabedoria, embora não saibamos sequer imaginar os meios utilizados por ti. Preserva-nos a paz, ó Senhor, e afasta de nós murmurações e queixas. Que nossos corações sejam humildes e submissos sob tua mão poderosa. Ensina-nos a esperar e contemplar teus propósitos finais e santos em tudo o que existe. Que possamos nos “regozijar na esperança”, mesmo quando as circunstâncias nos fizerem derramar lágrimas. Ilumina os olhos de nossos corações para que vejam a grandeza de nossa herança em Cristo e dá-nos mãos ternas para que possamos tocar, com misericórdia, as misérias do mundo. Em nome de Jesus, oramos. Amém.

“... Senhor, tu sabes todas as coisas...”

JOÃO 21.17

“Estou lhes dizendo antes que aconteça,
a fim de que, quando acontecer,
vocês creiam que Eu Sou.”

JOÃO 13.19

Alguém maior que Salomão está aqui

A sabedoria de Jesus Cristo

Muitas pessoas que tentaram silenciar Jesus foram forçadas a dizer: “Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala...” (Jo 7.46). Um dos motivos para isso é a incomparável sabedoria e conhecimento de Jesus.

A rainha de Sabá encantou-se de tal maneira com a sabedoria e o conhecimento de Salomão que, depois de conhecer todo o palácio e ouvir dele as sábias respostas às suas perguntas, “ficou impressionada” (1Rs 10.5). Ficou como fora de si. E qual foi o significado destas palavras de Jesus: “A rainha do Sul se levantará no juízo com esta geração e a condenará, pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e agora está aqui o que é maior do que Salomão” (Mt 12.42)?

Nem mesmo o mais sábio de todos os reis falou como aquele homem. Mas no cenário da história entrou alguém, dono de um conhecimento e sabedoria inigualáveis. Jesus esteve, até certo ponto, disposto a dialogar com os sábios de sua época. Quando, porém, o momento certo chegou e Jesus estava preparado, ele

proferiu a sentença decisiva que pôs fim à conversa (“Se, pois, Davi o chama ‘Senhor’, como pode ser ele seu filho?” [Mt 22.45]). E “ninguém conseguia responder-lhe uma palavra; e daquele dia em diante, ninguém jamais se atreveu a lhe fazer perguntas” (v. 46). O conhecimento e a sabedoria de Jesus o tornaram mestre de todas as situações. Um dos motivos para admirar Jesus e confiar nele acima de todos os outros seres humanos é que seu conhecimento e sua sabedoria são incomparáveis.

Ele conhece muito bem todas as pessoas, o coração e o pensamento de cada uma. João homenageou a infinita sabedoria de Jesus quando disse que Jesus “não se confiava” a homem algum porque “não precisava que ninguém lhe desse testemunho a respeito do homem, pois ele bem sabia o que havia no homem” (Jo 2.24,25). Ele conhece todos os nossos pensamentos antes que os expressemos por meio de palavras. Ele vê o que ninguém pode ver. Nada é oculto a seus olhos. “Conhecendo Jesus seus pensamentos, disse-lhes: ‘Por que vocês pensam maldosamente em seu coração?’” (Mt 9.4). Esta foi a confissão da igreja primitiva: “Senhor, tu conheces o coração de todos...” (At 1.24).

Não existe ninguém que deixe Jesus perplexo. Nenhum pensamento ou ação é incompreensível para ele. Jesus conhece seu começo e fim. O psicótico mais complicado e o gênio mais brilhante são absolutamente fáceis de serem compreendidos por ele. Jesus entende os movimentos de cada mente.

Além de saber tudo o que se passa conosco hoje, ele também sabe o que vamos pensar e fazer amanhã. Ele sabe tudo o que vai acontecer. O Evangelho de João destaca essa sua característica, porque João a vê como parte da majestade divina de Jesus. “Jesus [sabia] tudo o que lhe ia acontecer...” (Jo 18.4). Com base nesse conhecimento, ele previu muitas coisas que seus amigos e inimigos fariam. “Pois Jesus sabia desde o princípio quais deles não criam e quem o iria trair” (Jo 6.64). “Estou lhes dizendo antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, vocês creiam que Eu Sou” (13.19).

Em outras palavras, Jesus disse isso para que crêssemos que “ele é”. É o quê? Ele é o divino Filho de Deus. “Eu Sou” é o nome de Deus emÊxodo 3.14 e a designação para divindade em Isaías 43.10. Muito provavelmente, esta é a forma pela qual Jesus compreendia isso quando usou as palavras de maneira categórica: “Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!” (Jo 8.58). Jesus deseja que acreditemos que ele é Deus. É por isso que ele diz: “Vejam que eu os avisei antecipadamente” (Mt 24.25). Seu conhecimento antecipado é essencial para a sua divindade.

A extensão do conhecimento de Jesus é uma garantia para cremos em sua origem divina. Seus discípulos disseram: “Agora podemos perceber que sabes todas as coisas e nem precisas que te façam perguntas. Por isso cremos que vieste de Deus” (Jo 16.30). E, no fim de sua vida terrena, Jesus perguntou três vezes a Pedro: “Simão, filho de João, você me ama?” Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez ‘Você me ama?’ e lhe disse: ‘Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo’” (Jo 21.17). Pedro não concluiu que Jesus conhecia seu coração porque conhecia todas as coisas; ele concluiu que, por ser onisciente, Jesus conhecia o seu coração. “Tu sabes todas as coisas” é uma afirmação geral e absoluta no evangelho de João — Jesus conhece o que acontece agora e tudo o que irá acontecer.

Uma das maiores contradições a essa afirmação está em Mateus 24.36, onde Jesus diz, com referência à sua Segunda Vinda: “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai”. A meu ver, isso significa que em sua natureza humana, e não em sua natureza divina, Jesus não sabia quando ocorreria a sua Segunda Vinda. A maneira pela qual as duas naturezas de Cristo, a humana e a divina, coexistem em uma só Pessoa é um dos maiores mistérios do Universo.¹

A maior afirmação que pode ser feita a respeito do conhecimento de Jesus é que ele conhece a Deus perfeitamente. Ele conhece a Deus perfeitamente porque é Deus. Nós conhecemos a Deus de maneira parcial e imperfeita. Jesus o conhece mais

que qualquer outro ser. Ele o conhece da mesma forma que uma pessoa onisciente conhece a si mesma. “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27). Ninguém, exceto Jesus, conhece o Pai de maneira tão próxima, completa e perfeita. Nossa conhecimento do Pai depende inteiramente da revelação misericordiosa de Jesus; nosso conhecimento é derivativo, parcial e, por causa de nosso pecado, imperfeito.

Nada mais pode ser dito acerca do conhecimento de Jesus a não ser que ele conhece Deus perfeitamente. Toda realidade fora de Deus é limitada quando comparada à infinita realidade daquilo que Deus é. Tudo o que Deus tem feito é semelhante a um brinquedo quando comparado à complexidade e profundidade de quem ele é. Todas as ciências que arranham a superfície do Universo são meros ABCs quando comparadas ao exaustivo conhecimento de Cristo a respeito do Universo. E até mesmo esse conhecimento do Universo é uma gota de orvalho numa folha de grama quando comparado ao oceano de conhecimento que Jesus tem pelo fato de ele ser o próprio Deus. O Universo é finito, Deus é infinito. O completo conhecimento do infinito é infinito. Portanto, conhecer a Deus como Jesus o conhece é ter conhecimento infinito.

Em razão de tudo isso, devemos nos curvar e adorar a Jesus Cristo. Mesmo diante de toda a sabedoria do homem e do avanço do conhecimento científico, não devemos ser ingênuos a ponto de exaltar as maravilhas dessas coisas minúsculas e desprezar a estupenda onisciência de Cristo. Só Jesus é digno de nossa maior admiração. Só Jesus é digno de nossa confiança. Ele pode nos mostrar o Pai (Mt 11.27). Pode nos dar sabedoria à qual ninguém será capaz de resistir (Lc 21.15). Pode agir em todas as coisas para o nosso bem (Rm 8.28). Jesus não erra em nenhum de seus julgamentos (Jo 8.16). Ele ensina o caminho de Deus com perfeita veracidade (Mt 22.16). Confie nele. Admire-o. Siga-o. “Nele

estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2.3).

UMA ORAÇÃO

Pai, repetindo as palavras do salmista, tal conhecimento é assombroso e elevado demais para nós. Não podemos alcançá-lo. Maravilhamo-nos diante de teu infinito conhecimento e sabedoria. Temos muitas perguntas a fazer. Mas tu tens todas as respostas. Não existem mistérios para ti. Não existem fatos que não conheças, problemas que não possas resolver, acontecimentos que não possas explicar, nenhuma hipocrisia que não enxergues. Que possamos ver e sentir que tua mente onisciente, aliada a teu poder e graça, nos faz confiar plenamente em ti. Teus planos levam tudo em consideração, inclusive o passado e o futuro. Teus bons propósitos jamais serão alterados em razão de acontecimentos imprevistos. Podemos contar contigo. E enquanto fazemos isso, Pai, compartilha conosco um pouco de tua grande sabedoria e um pouco de teu grande conhecimento para que possamos viver, amar e, finalmente, morrer de tal forma que nossa morte traga vida aos outros, satisfaça nossa alma e honre o teu nome. Os lábios do sábio são uma fonte de vida e, ah, como gostaríamos de levar vida aos que estão perecendo! Concede-nos tua sabedoria na medida exata que podemos suportar. Em nome de Jesus, amém.

A boa reputação vale mais que grandes riquezas...

PROVÉRBIOS 22.1

“... Aí está um comilão e beberrão, amigo de publicanos e ‘pecadores’...”

MATEUS 11.19

A gloriosa pobreza da má reputação

A calúnia contra Jesus

Se “a boa reputação vale mais que grandes riquezas” (Pv 22.1), Jesus foi duplamente pobre. Ele “esvaziou-se a si mesmo” das gloriosas riquezas do céu (Fp 2.7,8), a fim de viver entre nós como aquele que “não tem onde repousar a cabeça” (Lc 9.58). Além disso, sua reputação foi difamada muitas vezes. A calúnia foi impiedosa. Os boatos foram implacáveis. As meias-verdades foram distorcidas demais para merecerem resposta. E, no final, o “bom nome” do homem mais notável da face da terra foi desonrado em Jerusalém. As multidões que o aclamaram como rei o crucificaram como criminoso.

Mas, ah, que esplendor existe por trás de cada um daqueles escândalos! Reflita nas glórias de nosso Rei em todas as calúnias que ele suportou.

Elas começaram por ocasião do seu nascimento. O escândalo foi inevitável, e Deus sabia que isso aconteceria. A mãe de Jesus engravidou antes de casar. José não era o pai da criança. O evangelho de Mateus diz: “Por ser José, seu marido, um homem justo,

e não querendo expô-la [Maria] à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente” (1.19). Mas esse não era o plano de Deus. Eliminar a desonra não fazia parte de sua agenda.

Não sabemos o que Maria sofreu. Mas temos um vislumbre do que Jesus suportou. Seus inimigos tinham sempre uma carta na manga para atirá-la na mesa quando a força da verdade se virava contra eles. Em João 8, lemos que Jesus estava expondo publicamente a escravidão ao pecado e a falsidade daqueles homens e chegou a dizer que eles eram filhos do Diabo. Quando Jesus disse: “Vocês estão fazendo as obras do pai de vocês”, eles tiraram a carta da manga e replicaram: “Nós não somos filhos ilegítimos. O único Pai que temos é Deus” (v. 41; grifo do autor). Essa acusação não foi proferida veladamente. Com ela, aqueles judeus estavam chamando Jesus de bastardo. E tempos depois, no século III, Orígenes continuou a responder a essa calúnia nos textos escritos por Celso.

Existe, porém, uma grande honra por trás dessa calúnia! Sim, Maria engravidou antes de casar. Sim, José não era o pai da criança. Mas não, Jesus não foi filho ilegítimo. Existe aí outra realidade: “O anjo respondeu [a Maria]: ‘O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus’” (Lc 1.35). Não houve nenhum outro nascimento como esse. Porque existe apenas um único Filho de Deus. Um único ser humano imaculado. Um único Deus-Homem. Um único Cordeiro perfeito para tirar o pecado do mundo. Ah, que lindas verdades se escondem por trás das mentiras dos inimigos de Jesus!

Quando alguém odeia a causa que defendemos, todas as estratégias de amor são difamadas, até mesmo aquelas que são contrárias àquilo que se sustenta. Jesus se surpreendeu com as calúnias dos homens de sua geração. “A que posso comparar esta geração? São como crianças que ficam sentadas nas praças e gritam umas às outras: ‘Nós lhes tocamos flauta, mas vocês não dançaram; cantamos um lamento, mas vocês não se entristeceram’”

(Mt 11.16). João Batista foi esse lamento. Jesus foi essa flauta. E sua geração não ouviu nenhum dos dois. O que fazer para silenciá-los? Caluniar. “Pois veio João, que jejua e não bebe vinho, e dizem: ‘Ele tem demônio’. Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: ‘Aí está um comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores...’” (Mt 11.18,19). A verdade veio vestida de peles de camelo, comeu gafanhotos, viveu no deserto, chamou reis de adúlteros, não realizou milagres e morreu por causa de uma dançarina. E isso não era aceitável. Então, a verdade veio para conviver com o povo, foi a festas, fez um vinho delicioso e permitiu que uma prostituta lhe lavasse os pés. Mas, para os inimigos de Jesus, isso também não era aceitável.

Significava que a pedra de tropeço não fora a maneira pela qual ambos vieram ao mundo. A pedra de tropeço, ela mesma, foi a verdade. Portanto, a única forma de fugir dos dois inimigos era ridicularizá-los e dizer meias-verdades. Jesus é um comilão e beberrão. É por isso que ele come na companhia de coletores de impostos e pecadores. Porém, sob a ignomínia da calúnia está a glória da compaixão. Por que ele comeu na companhia de coletores de impostos e pecadores? Ele próprio deu a resposta: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento” (Lc 5.31,32). Por trás da calúnia da glutonaria está o esplendor da misericórdia. Jesus sacrificou seu bom nome para sentar-se ao lado de pecadores e salvá-los.

A seguir, pode-se atestar a glória de seu poder para libertar pessoas endemoninhadas. Como essa bondade tão grande poderia ser destruída? Não havia dúvida de que as pessoas estavam sendo libertadas por Jesus da opressão do demônio. Isso era um fato. Mas a aversão pela verdade não é facilmente derrotada por fatos. Os fatos simplesmente dão forma à falsidade. “... É pelo princípio dos demônios que ele expulsa demônios” (Mt 9.34). “... você é samaritano e está endemoninhado?” (Jo 8.48). “... Ele está endemoninhado e enlouqueceu. Por que ouvi-lo?” (Jo 10.20). Foi o melhor que eles puderam fazer: Satanás expulsando Satanás.

Porém, que magnífica foi a resposta de Jesus a essa calúnia! — “Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado...” (Mt 12.25). Portanto, até a calúnia pode ser útil. Mas a verdade é melhor: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus. [...] como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali seus bens, sem antes amarrá-lo? Só então poderá roubar a casa dele” (Mt 12.28,29). Por trás da calúnia contra Cristo está a manifestação do Reino de Deus. O “homem forte” foi amarrado por alguém infinitamente mais forte. Os bens são roubados; e os cativos, libertados.

Neste caso, os demônios sabem mais que os fariseus: “... um homem possesso de um espírito imundo gritou: ‘O que queres conosco, Jesus de Nazaré? Viste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!’” (Mc 1.23,24). Jesus não expulsa demônios por meio do princípio dos demônios. Ele domina os demônios por ser o Santo de Deus.

E as calúnias prosseguem. “... Esse homem não é de Deus, pois não guarda o sábado...” (Jo 9.16). “... Sabemos que esse homem é pecador” (9.24). “... Ele está fora de si” (Mc 3.21). “Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo!...” (Mt 27.42). “Nós o ouvimos dizer: ‘Destruirei este templo feito por mãos humanas e em três dias construirei outro, não feito por mãos de homens’” (Mc 14.58). Mas em todos os casos “a sabedoria é comprovada pelas obras que a acompanham” (Mt 11.19). “Se esse homem não fosse de Deus, não poderia fazer coisa alguma” (Jo 9.33). “Ninguém a tira [minha vida] de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la...” (Jo 10.18).

No final das contas, o único “bom nome” que importa não é como os homens se sentem em relação a nós, mas como Deus se sente em relação a nós. A última calúnia foi proferida quando Jesus estava na cruz. “Ele confiou em Deus. Que Deus o salve agora...” (Mt 27.43). Não há dúvida de que Deus o amava. “... Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (Mt 3.17).

No final, este é o único bom nome que importa. Esta é a verdadeira riqueza. Esta é a glória de Cristo.

UMA ORAÇÃO

Pai celestial, o único julgamento que importa é o teu julgamento. O que os homens pensam de nós pode ofuscar ou iluminar nossos dias. Mas, no final, isso tem pouco significado. Neste mundo, um bom nome entre as pessoas talvez seja melhor que riquezas; mas nem o nome nem as riquezas sobreviverão ao fogo do teu julgamento. Tudo o que importa é a verdade. Não é o dinheiro nem a opinião dos homens. Aprendemos isso com teu Filho, Jesus. Ah, como amamos sua indiferença inabalável em relação à aprovação dos homens! Nós te louvamos porque Jesus se concentrou em ti para seres o baluarte de sua vida. As palavras dos homens não o fizeram pender nem para a direita nem para a esquerda. A bússola que guiava teu Filho apontava para ti. Nós nos entristecemos porque os homens de natureza tão pecaminosa quanto a nossa lançaram calúnias contra ele. Vemos nosso pecado presente nessas calúnias proferidas. Perdoa-nos por nossa participação quando falamos coisas erradas a respeito do Filho de Deus, ou quando nos calamos. Incute a verdade de Cristo em nossa mente e em nossos lábios, ó Senhor, para que possamos falar coisas boas a respeito dele. Impede-nos de aumentar a avalanche de coisas erradas que são ditas no mundo a respeito de Cristo. Que nossa boca seja como um farol na colina, anunciando que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. A carne e o sangue não nos ensinam isso. A revelação vem de ti, ó Pai, no céu. Fala, ó Deus, por meio da tua Palavra escrita com o poder de perfurar pedras, e permite que vejamos a verdade de Jesus em toda parte. Aumenta a nossa afeição por ele. Afasta a má reputação do Senhor sempre que falarmos dele. Que teu Filho seja glorificado em tudo o que dissermos! Em nome dele, oramos. Amém.

*Quando insultado, não revidava;
quando sofria, não fazia ameaças...*

1PEDRO 2.23

*Contudo, foi da vontade do SENHOR
esmagá-lo e fazê-lo sofrer...*

ISAÍAS 53.10

Os incomparáveis sofrimentos

A angústia de Jesus Cristo

As angústias do Filho de Deus foram incomparáveis. Nenhum homem sofreu como ele. Por toda a eternidade, nós contemplaremos a morte do Filho de Deus e cantaremos: “Digno é o Cordeiro que foi morto...” (Ap 5.12).

O conde Zinzendorf (1700-1760) e os morávios desenvolveram uma teologia com base nas feridas e no sangue de Jesus, que, conforme alguns acreditam, se transformara em uma visão distorcida das “cinco chagas” de Cristo. Hoje em dia, porém, não corremos o risco de nos preocupar em excesso com a angústia de Jesus. Venha, então, adorar comigo para contemplarmos juntos o esplendor dos sofrimentos de Cristo.

Ele foi o que menos mereceu sofrer e, mesmo assim, sofreu muito. A marca de Deus na vida perfeita de Cristo é encontrada em duas palavras: “sem pecado” (Hb 4.15). A única pessoa na história que não mereceu sofrer foi a que mais sofreu. “Ele não cometeu pecado algum, e nenhum engano foi encontrado em sua boca” (1Pe 2.22). Os sofrimentos de Jesus não lhe foram impostos por causa de seu pecado. Ele não teve pecado.

Ninguém mais do que ele teve tantas razões para usar de vingança. No entanto, ele não lançou mão desse direito. Tinha à sua disposição infinito poder para vingar-se a qualquer momento de sua agonia. “Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?” (Mt 26.53). Mas Jesus não fez isso. Quando todos os tribunais do Universo gritaram “Injusto!”, Jesus permaneceu em silêncio. “Mas Jesus não lhe respondeu [a Pilatos] nenhuma palavra...” (Mt 27.14). Nem contestou as falsidades proferidas contra ele: “Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças...” (1Pe 2.23). Nem se defendeu durante o interrogatório de Herodes: “... mas Jesus não lhe deu resposta” (Lc 23.9). Ninguém jamais suportou tanta injustiça sem que quisesse vingar-se.

E não pense que o sofrimento era tolerável. Se fôssemos forçados a assistir àquela cena, provavelmente teríamos desmaiado. No jardim, “o seu suor era como gotas de sangue que caíam no chão” (Lc 22.44). No meio da noite, diante do sumo sacerdote, “alguns lhe cuspiram no rosto e lhe deram murros. Outros lhe davam tapas” (Mt 26.67). Diante do governador, eles o açoitaram (Mt 27.26). Eusébio (por volta de 300 d.C.) descreveu o açoite aplicado pelos romanos aos cristãos mais ou menos desta maneira: “Houve época em que suas veias e artérias eram rasgadas por açoites até o ponto de deixar expostas as partes ocultas do corpo, suas entradas e órgãos”.¹

Enquanto Jesus sofria, os soldados zombavam dele. Vestiram-no com um manto falso de realeza. “... vendaram-lhe os olhos e, dando-lhe murros, diziam: ‘Profetize!’ E os guardas o levaram, dando-lhe tapas” (Mc 14.65). Uma coroa de espinhos foi colocada em sua cabeça, e ela foi empurrada de encontro ao crânio com murros. “Batiam-lhe na cabeça com uma vara e cuspiam nele. Ajoelhavam-se e lhe prestavam adoração” (Mc 15.19). A condição em que ele se encontrava não lhe permitiu carregar sua cruz (Mt 27.32).

A tortura e a vergonha continuaram. Ele foi despidos. Suas mãos e pés foram pregados na cruz (At 2.23; Sl 22.16). A zombaria foi implacável durante toda a manhã. “Salve, rei dos judeus!” (Mt 27.29). “Você que destrói o templo e o reedifica em três dias, salve-se! Desça da cruz, se é Filho de Deus” (Mt 27.40). “Um dos criminosos que ali estavam dependurados lançava-lhe insultos...” (Lc 23.39).

Foi uma morte medonha. “Os ferimentos inchavam em volta dos pregos grosseiros, e os tendões e nervos rasgados e dilacerados causavam uma agonia torturante. As artérias do crânio e do estômago recebiam uma quantidade exagerada de sangue e começavam a latejar, provocando uma dor de cabeça terrível. [...] A vítima de crucificação morria praticamente mil vezes. [...] O sofrimento era tão grande que ‘mesmo em meio ao ódio arrebatador de uma guerra chegava a suscitar sentimentos de piedade’.”²

Todo esse sofrimento foi imposto ao “amigo dos pecadores”, sem nenhum irmão a seu lado, mas completamente abandonado. Judas o traiu com um beijo (Lc 22.48). Pedro o negou três vezes (Mt 26.75). “... Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram” (Mt 26.56). E na hora mais negra da história do mundo, Deus, o Pai, castigou o próprio Filho por causa das nossas transgressões. “... contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido” (Is 53.4; grifo do autor). A única pessoa no mundo que realmente conheceu a Deus (Mt 11.27) clamou: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mt 27.46).

Nunca houve, nem antes nem depois da morte de Jesus, tanto sofrimento. Isso porque, apesar de ser tão terrível, aquele foi um sofrimento planejado por Deus, o Pai, e aceito por Deus, o Filho. “Contudo, foi da vontade do SENHOR esmagá-lo e fazê-lo sofrer...” (Is 53.10). Jesus “foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus” (At 2.23). Herodes, Pilatos, os soldados e os judeus fizeram a Jesus tudo o que o poder e a vontade de Deus “haviam decidido de antemão que acontecesse” (At 4.28). Os sofrimentos do Filho estavam escritos nos Textos

Sagrados: “... sabendo então que tudo estava concluído, para que a Escritura se cumprisse, Jesus disse: ‘Tenho sede’” (Jo 19.28; grifo do autor).

Não foi um sofrimento apenas planejado; foi também obedecido. Jesus aceitou o sofrimento. Ele aceitou ser “obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fp 2.8). E sua obediência foi sustentada pela fé no Pai. “... quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça” (1Pe 2.23). “... Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito...” (Lc 23.46).

E com essa mesma fé, “Jesus partiu resolutamente em direção a Jerusalém” (Lc 9.51). Por quê? Porque “nenhum profeta deve morrer fora de Jerusalém” (Lc 13.33). Ele partiu resolutamente para morrer. “Agora meu coração está perturbado, e o que direi? Pai, salva-me desta hora? Não; eu vim exatamente para isto, para esta hora” (Jo 12.27). Ele viveu para morrer.

Portanto, o sofrimento e a fraqueza de Jesus estavam a serviço de seu poder soberano. “Ninguém a tira [minha vida] de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade...” (Jo 10.18). Ele aceitou espontaneamente o plano do Pai para sofrer e morrer.

E qual foi o plano? Morrer em nosso lugar, para que pudéssemos viver. “... o Filho do homem veio [...] para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). “Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro...” (1Pe 2.24). “... o SENHOR fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós” (Is 53.6).

E qual foi o objetivo de tudo isso? “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15.13). Sim, mas com que finalidade? Qual o propósito desse amor? Dois grandes propósitos foram alcançados no sofrimento de Cristo. Na verdade, eles são resumidos num só propósito. Primeiro, “Cristo sofreu pelos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus” (1Pe 3.18; grifo do autor). O sofrimento de Jesus nos conduziu a Deus, cuja alegria e prazer duram eternamente. Segundo, na hora da morte de Jesus, o Pai e o Filho foram glorificados. “... Agora o Filho do homem é glorificado, e Deus é glorificado nele” (Jo 13.31). A alegria que

sentimos quando provamos a Deus e a glória que ele sente por nos salvar são um só sentimento. Esta é a glória dos sofrimentos incomparáveis de Cristo.

UMA ORAÇÃO

Pai, o que podemos dizer? Sentimo-nos totalmente indignos diante dos sofrimentos indescritíveis de Cristo. Lamentamos muito. Foi por nosso pecado que ele sofreu. Fomos nós que o espacamos, cuspimos nele e o ridicularizamos. Pai, nós te pedimos perdão. Curvamo-nos até o chão e silenciamos a boca de nossa alma insignificante, perversa, mesquinha, pecaminosa. Pai, renova-nos a fé para que possamos acreditar no inacreditável. Acreditar que o sofrimento de Cristo é a nossa salvação. Abre nosso coração medroso para aceitarmos o evangelho. Desperta as partes adormecidas de nosso coração, incapazes de sentir aquilo que deve ser sentido — que somos amados com o amor mais profundo, mais forte e mais puro do Universo. Concede-nos a graça de compreender, com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo que excede todo o entendimento, e que possamos ser abastecidos com toda a plenitude de Deus. Luta por nós, ó Deus, para que não nos tornemos insensíveis, cegos e tolos a ponto de nos deixar levar por filosofias vãs e fúteis. A vida é curta demais, preciosa demais, dolorosa demais para ser desperdiçada como se fosse uma efêmera bolha de sabão. O céu é grande demais, o inferno é horrível demais, e a eternidade é infinita para permanecermos na indecisão. Ó Deus, abre nossos olhos para a vastidão dos sofrimentos de Cristo e o que eles significam para o pecado, a santidade, a esperança e o céu. Não queremos ter a tendência de nos preocupar com banalidades. Torna-nos mais conscientes da importância da glória — a glória dos sofrimentos incomparáveis de Cristo. Em seu nome exelso e maravilhoso, oramos. Amém.

“... Até aos espíritos imundos ele [Cristo] dá ordens, e eles lhe obedecem!”

MARCOS 1.27

... ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo.

HEBREUS 2.14

A glória de redimir pecadores, sem destruir Satanás

O sacrifício redentor de Jesus Cristo

A glória de Cristo é manifestada no direito e poder absolutos que ele detém de aniquilar ou incapacitar Satanás e todos os demônios. Mas ele se abstém de destruí-los ou privá-los de poder para que sua graça e formosura sejam manifestadas com mais evidência. Se Cristo destruísse todos os demônios e espíritos maus agora (e ele pode fazer isso), seu poder absoluto seria considerado glorioso. Mas, para que sua graça e formosura resplandeçam mais intensamente, ele deseja que os seres humanos rejeitem as promessas de Satanás e se alegrem na magnífica glória do Filho de Deus.

O demônio e seus anjos são irredimíveis. Jesus atesta isso quando diz que “o fogo eterno [está] preparado para o Diabo e os seus anjos” (Mt 25.41). E Judas confirma isso quando diz que eles estão guardados “em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia” (Jd 6). Portanto, Cristo não está retardando seu julgamento para que eles tenham a oportunidade de arrepender-se e ser salvos.

Então, por que ele não os destrói de uma vez por todas ou, pelo menos, paralisa sua influência maléfica? Será que o Diabo e seus anjos têm livre-arbítrio (ou seja, uma força tão grande a ponto de determinarem as próprias ações) e Cristo é incapaz de detê-los? Não. Inúmeros textos ilustram o direito e o poder que Cristo possui de dominar e destruir Satanás e seus demônios. Por exemplo: 1) “... Até aos espíritos imundos ele [Cristo] dá ordens, e eles lhe obedecem!” (Mc 1.27). 2) Satanás só age livremente mediante permissão divina. “Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça...” (Lc 22.31,32). 3) Embora o “espinho na carne” dado a Paulo fosse um “mensageiro de Satanás”, Cristo permitiu que isso acontecesse para que o apóstolo se humilhasse e para que o poder do Filho de Deus fosse manifestado (2Co 12.7-10). 4) No final, Deus prenderá Satanás por mil anos e, depois, o atirará no lago de fogo (Ap 20.2,10). A decisão de deixar que Satanás permanecesse no mundo não foi tomada baseada no fato de que Cristo não tem o direito e o poder de destruí-lo. Então, qual foi a razão para que isso acontecesse?

Cristo deve ter grande interesse em que Satanás continue a existir, porque, apesar de ter o direito e o poder de aniquilá-lo imediatamente, ele o derrota em estágios, o que lhe custou a própria vida. “... Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo” (1Jo 3.8). Mas como ele fez isso? Hebreus 2.14 responde: “... ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo”. Em outras palavras, Cristo tornou-se homem para que pudesse morrer e, mediante a morte, “destruir” o Diabo.

Isso significa que o objetivo de Cristo em derrotar o Diabo deve ser diferente de simplesmente destruir a influência mortal de Satanás. Cristo poderia ter feito isso com uma ordem: “Vá para o inferno!”. E o Diabo teria obedecido — conforme ele fará

um dia! Então, que tipo de derrota Cristo impôs sobre Satanás? E por que isso foi melhor do que retirar Satanás da história?

Satanás é derrotado pela morte de Jesus. Paulo apresenta esta explicação ao referir-se à morte de Cristo: "... e, tendo despojado os poderes e as autoridades [pela morte de Cristo], fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz" (Cl 2.15). Em que sentido ele despojou "os poderes e as autoridades" de Satanás? Satanás continua a cegar (2Co 4.4), tentar (1Ts 3.5), enganar (Ap 20.3), lançar na prisão (Ap 2.10), aprisionar (2Tm 2.26) e destruir a carne (1Co 5.5). Ele *não aparenta* estar desarmado nem destruído. Como, então, ele foi desarmado pela morte de Jesus?

Uma das respostas é que a morte de Jesus anulou o efeito maléfico do pecado para todos os que confiam em Cristo. A arma da culpa e do pecado que destroem almas é tirada da mão de Satanás. Ele fica sem a única arma que pode nos condenar — o pecado não perdoado. Lemos isso em 1 Coríntios 15.55-57: "Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?" O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo". Por que o *pecado* é o aguilhão da morte? Porque somente o pecado não perdoado pode condenar a alma e fazer da morte uma porta para o inferno, não para o céu. Por conseguinte, Satanás não pode destruir a alma por meio de sessões espíritas, aparições, enfermidades ou perseguição, mas unicamente por nos impingir a culpa do pecado. "Mas graças a Deus", diz Paulo, "que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo".

"Pois também Cristo sofreu pelos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus..." (1Pe 3.18). Se nossos pecados foram perdoados pelo amor de Cristo, Satanás não possui nenhuma arma demoníaca contra nós. Ele pode nos ferir e até nos matar, mas não pode nos condenar. Foi isso que o autor da carta aos Hebreus quis dizer quando escreveu que, mediante a morte, Cristo derrotou "aquele que tem o poder da

morte, isto é, o Diabo" (Hb 2.14). Satanás detinha o "poder da morte" no sentido de ter em mãos o aguilhão letal da morte. Mas agora, por meio do sangue de Cristo, nossos pecados são perdoados, e o poder que Satanás tem de destruir almas é anulado para todos os que estão em Cristo. Não existe nenhuma condenação — nem de Satanás nem de ninguém.

Vemos isso novamente nestas palavras: "O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei" (1Co 15.56; grifo do autor). Se o *pecado* é o aguilhão letal da morte, é porque a *lei* determina uma punição eterna para o pecado. "Pois o salário do pecado é a morte [eterna]..." (Rm 6.23). Mas Paulo diz que, quando Cristo morreu como nosso substituto perfeito, Deus "cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz" (Cl 2.14). Assim, a arma da lei foi tirada da mão de Satanás. Ele não pode usá-la para condenar o povo de Deus.

Ora, sem *pecado* e sem *lei* para nos condenar, acusar e opri mir, Satanás é um inimigo derrotado. Ele está desarmado. Cristo triunfou sobre ele, sem aniquilá-lo, mas permitindo que ele viva e veja milhões de santos que encontraram perdão para seus pecados e lhe viraram as costas porque a glória da graça de Cristo é maior.

Foi um triunfo conquistado a um preço muito alto. Mas os valores de Deus não são facilmente reconhecidos. Se Deus simplesmente eliminasse Satanás, não ficaria muito claro que Deus é mais forte e infinitamente mais desejável que Satanás. Deus deseja que sua glória resplandeça não apenas por atos de poder físico, mas também por meio de atos de poder moral e espiritual que exibem a beleza de sua graça com cores deslumbrantes. Retirar os pecadores das mãos de Satanás mediante o sacrifício redentor de Cristo, que levou sobre si os nossos pecados e obedeceu fielmente aos mandamentos do Pai, foi uma vitória muito mais gloriosa do que simplesmente destruir o inimigo.

UMA ORAÇÃO

Pai celestial, estamos emocionados porque consideraste a glória de teu Filho tão importante a ponto de permitires que Satanás continuasse a existir para que ela fosse totalmente conhecida. Envergonhamo-nos de reclamar das batalhas da vida quando deveríamos ter feito todos os esforços possíveis para engrandecer os meios que usaste, deixando o inimigo à solta para que Cristo fosse exaltado. Perdoa nossa falta de visão para enxergarmos teus santos propósitos. E agora, ó Deus, pelo sangue de teu Filho, nosso Salvador, concede-nos vitória sobre Satanás. Que possamos ver e provar o valor inigualável de Cristo. Que possamos envergonhar Satanás com nossa decisão de engrandecer a Jesus. Que nos gloriemos no sacrifício da cruz. Ajuda-nos a reconhecer a obra acabada de Cristo, que desarmou Satanás e removeu o aguilhão da morte. Ensina-nos a lutar pela fé contra o poder do pecado, na confiança de que Cristo comprou nosso perdão e assegurou o triunfo de todos aqueles que confiam nele. Transforma todos os planos perversos do demônio em esquemas santificadores de amor. Livra-nos de suas armadilhas. Conserva a beleza de Cristo bem nítida nos olhos de nosso coração. Transforma-nos em instrumentos para derrotar Satanás até o dia em que voltarás e o destruirás com o sopro de tua boca. Dá-nos coragem para proclamarmos o teu maravilhoso evangelho aos outros por meio da espada do Espírito, a Palavra de Deus. Em nome de Jesus, oramos. Amém.

Todavia, Deus, que é rico em misericórdia,
pelo grande amor com que nos amou,
deu-nos vida com Cristo, quando ainda
estávamos mortos em transgressões...

EFÉSIOS 2.4,5

Assim, aproximemo-nos do trono da graça
com toda a confiança, a fim de recebermos
misericórdia e encontrarmos graça que nos
ajude no momento da necessidade.

HEBREUS 4.16

A riqueza encarnada da compaixão de Deus

As misericórdias de Jesus Cristo

Deus é o ser mais rico do Universo. Ele possui muito mais coisas que qualquer outra pessoa. Ele é o proprietário de todos os seres humanos e de tudo o que os homens possuem. Quando criamos alguma coisa, ela nos pertence. E Deus criou tudo — inclusive o ser humano. "... Ele nos fez, e somos dele: somos o seu povo, e rebanho do seu pastoreio" (Sl 100.3). Existe um dono supremo do Universo: Deus. Todas as outras pessoas são depositárias de seus bens. Nem nós nem o que possuímos é nosso. Tudo o que somos e o que possuímos são bens para serem usados de acordo com os desígnios do proprietário. Portanto, em certo sentido, todo pecado é uma fraude.

Porém, por mais surpreendente que possa parecer, o Novo Testamento não descreve a riqueza de Deus apenas em termos do que ele criou e possui, mas também em termos da glória que ele tem por toda a eternidade. Repetidas vezes, lemos a respeito das "riquezas de sua glória" ou "gloriosas riquezas" (por exemplo, Ef 3.16; Fp 4.19; Cl 1.27). Se Deus fosse rico apenas por ter feito

todas as coisas, teria sido pobre antes da criação. E isso significaria que ele criou tudo por necessidade e seria dependente de sua criação. Mas não é esta a descrição de Deus encontrada na Bíblia. Deus não criou todas as coisas para ficar rico; ele criou todas as coisas para exibir riqueza — a riqueza de sua glória para o louvor de seu povo (Ef 1.6,12,14).

O Novo Testamento destaca, de maneira mais específica, que a riqueza da glória de Deus é, em seu ápice, a riqueza de sua misericórdia. Esta é uma afirmação que o mundo trata com desprezo: "... as riquezas da sua bondade, tolerância e paciência..." (Rm 2.4). Deus criou e redimiu o mundo para "tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória" (Rm 9.23). Em outras palavras, ele cria e salva seu povo "para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus" (Ef 2.7). O Universo existe principalmente para proclamar a riqueza da glória da misericórdia de Deus para o louvor de seus filhos redimidos de toda tribo, língua, povo e nação.

A justiça é um dos pontos altos entre as perfeições da glória de Deus. Mas a misericórdia é o mais alto de todos. "Absolver o ímpio e condenar o justo são coisas que o SENHOR odeia" (Pv 17.15). Sim. Portanto, a justiça é essencial. Mas existe algo mais que também é verdadeiro: "A sabedoria do homem lhe dá paciência; sua glória é ignorar as ofensas" (Pv 19.11). E se a justiça pode ser preservada, o ápice da glória é demonstrar misericórdia.

Foi por esse motivo que Cristo veio ao mundo. Jesus é a misericórdia de Deus encarnada e visível. Ele é também a justiça de Deus encarnada; mas a justiça era subordinada: "Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele" (Jo 3.17). Deus, o Pai, ofereceu seu Filho para morrer "a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.26). A morte de Jesus Cristo pelos pecadores criou um pano de fundo de justiça no qual a

misericórdia justificadora brilharia com glória incomparável. Portanto, a glória da misericórdia de Deus é o objetivo da vinda de Cristo, e essa afirmação está explícita em Romanos 15.8,9: Cristo veio ao mundo “para confirmar as promessas feitas aos patriarcas, *a fim de que os gentios glorifiquem a Deus por sua misericórdia*” (grifo do autor). O objetivo da encarnação foi engrandecer a misericórdia de Deus para o louvor das nações.

No *Magnificat* de Maria, e no cântico profético de Zacarias por ocasião do nascimento de João Batista, o motivo apresentado para a vinda de Jesus foi o de lembrar a misericórdia de Deus (Lc 1.54) e “por causa das ternas misericórdias de nosso Deus” (v. 78). Ou, conforme o apóstolo Paulo diz, a obra de Cristo se deve a Deus porque ele é “rico em misericórdia” (Ef 2.4). Tudo está “de acordo com as riquezas da graça de Deus” (1.7). Ele “abençoaricamente todos os que o invocam” (Rm 10.12).

Essa misericórdia que Jesus personifica e nos concede é totalmente gratuita. Mas houve um preço a ser pago. E Jesus pagou esse preço na cruz com a própria vida. “Nele temos a redenção *por meio de seu sangue*, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus...” (Ef 1.7; grifo do autor). Mas agora, para os pecadores arrependidos e necessitados, ela é totalmente gratuita. Deus diz: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão”. Portanto, isso não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus [...]. Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Rm 9.15,16,18). Nós não conquistamos misericórdia. Nós a recebemos como dom gratuito mediante a fé, não por obras, “não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3.5).

Até mesmo a fé para receber essa misericórdia é um dom de misericórdia. “Ela lhes foi dada gratuitamente porque vocês creiram em Cristo” (Fp 1.29; tradução do autor). E quanto aos outros? Devemos “corrigir com mansidão os que se lhe [nos] opõem, na

esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade” (2Tm 2.25; grifo do autor — v. também Ef 2.8; Jo 6.44; At 13.48). Do início ao fim, Deus nos salva “não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos” (2Tm 1.9). Sua misericórdia jubilosa é totalmente gratuita.

Uma vez que Cristo é a riqueza encarnada das misericórdias de Deus, não é de surpreender que sua vida na terra tenha sido uma prova sem contestação da abundante misericórdia oferecida a todos os tipos de pessoas. Todos os tipos de necessidade e sofrimento foram tocados pelas misericórdias de Jesus nos poucos anos em que viveu na terra.

Quando o mendigo cego clamou: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!”, muitas pessoas ficaram constrangidas e indignadas. Mas Jesus lhe disse: “Recupere a visão! A sua fé o curou” (Lc 18.38,42). Quando os leprosos revoltados e medrosos gritaram em alta voz: ‘Jesus, Mestre, tem piedade de nós!’, Jesus parou, teve piedade deles e disse: “Vão mostrar-se aos sacerdotes’. Enquanto eles iam, foram purificados” (Lc 17.13,14). E, descrevendo de maneira mais notável ainda, o evangelista Marcos lembra o momento em que outro leproso se ajoelhou e suplicou a Jesus que o purificasse. E Jesus não apenas falou com ele, mas também tocou nele: “Cheio de compaixão, Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: ‘Quero. Seja purificado!’” (Mc 1.41).

Lucas nos conta também que, quando Jesus viu uma viúva que, além de ter perdido o marido, havia perdido seu único filho, “o Senhor se compadeceu dela e disse: ‘Não chore’” (Lc 7.13), e ressuscitou o jovem. Nesté caso, nenhuma palavra foi proferida acerca da fé da viúva. Foi um transbordamento gratuito e generoso de misericórdia divina, mesmo sem que Jesus questionasse a fé daquela mulher.

A misericórdia também atraiu Jesus para aqueles que se tinham tornado miseráveis pelos demônios. Um homem levou o filho

endemoninhado até Jesus, após anos de sofrimento. O menino não podia falar, e o espírito maligno costumava lançá-lo no fogo. O pai implorou a Jesus: "... tem compaixão de nós e ajuda-nos" (Mc 9.22). E, embora o pai do menino tivesse demonstrado uma fé tão pequena quanto um grão de mostarda — "Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!" (v. 24) —, Jesus atendeu ao grito por piedade, repreendeu o espírito e o expulsou.

E quando um homem possuído pelo demônio não tinha ninguém para ser seu defensor e não podia crer em Jesus nem submeter-se a ele — como no caso do endemoninhado geraseno —, o Senhor o libertou e, a seguir, explicou que fizera aquilo por pura misericórdia: "... Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você" (Mc 5.19). E essa misericórdia foi maior ainda porque aquele homem não era judeu, mas um estrangeiro igual à "mulher cananéia" que gritou: "...Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Minha filha está endemoninhada e está sofrendo muito" (Mt 15.22). Nem os demônios nem a distância que mantinha o povo gentio afastado do povo de Israel detiveram a misericórdia de Jesus.

A misericórdia de Jesus não foi despertada apenas pelo sofrimento, mas também pelo pecado. Quando Jesus comeu na companhia de "coletores de impostos e pecadores", os escribas e fariseus o criticaram. Mas Jesus contou três parábolas para explicar seus atos. Uma foi a parábola do filho pródigo. O ponto alto dessa parábola representa Deus, cheio de compaixão pelo filho mergulhado no pecado que voltava para casa: "... Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou" (Lc 15.20). Em outras palavras, Jesus comeu na companhia de coletores de impostos e pecadores por ser ele o exemplo humano da terna compaixão do Pai pelos pecadores.

Jesus mostrou essa compaixão não apenas por pecadores e sofredores individualmente, como também por multidões inteiras. Ele não olhou para o povo com desprezo nem com indiferença.

Certa vez, quando uma grande multidão o seguia e não tinha o que comer, Jesus olhou para aquele povo e disse: "Tenho compaixão desta multidão; já faz três dias que eles estão comigo e nada têm para comer" (Mc 8.2). Em outra ocasião, não foi a fome mas a busca espiritual pela verdade que o encheu de compaixão pelas multidões: "Quando Jesus saiu do barco e viu uma grande multidão, teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar-lhes muitas coisas" (Mc 6.34).

Uma das afirmações mais arrebatadoras feitas por Jesus acerca da misericórdia de Deus acha-se em Oséias 6.6. Foi assim que Jesus pôs toda a lei protocolar do Antigo Testamento sob a bandeira da misericórdia, e não sob regras minuciosas. Quando foi criticado por ter jantado na casa de Mateus com coletores de impostos e pecadores, Jesus virou-se para os críticos e disse: "Vão aprender o que significa isto: 'Desejo misericórdia, não sacrifícios' [Os 6.6]. Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores" (Mt 9.13). E quando os discípulos foram repreendidos pelos fariseus por terem colhido e comido espigas no sábado, Jesus disse: "Se vocês soubessem o que significam estas palavras: 'Desejo misericórdia, não sacrifícios', não teriam condenado inocentes" (Mt 12.7). Em outras palavras, todo o ministério de Jesus foi marcado pela compreensão de que a misericórdia é o significado supremo da lei de Deus. E pelo fato de Jesus não ter vindo para abolir a lei, mas para cumpri-la (Mt. 5.17), ele foi a encarnação e manifestação da riqueza da misericórdia de Deus.

O mesmo se aplica ao Jesus de hoje. A esse respeito "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre" (Hb 13.8). É por isso que Deus, também chamado "Pai das misericórdias" (2Co 1.3), nos exorta a nos aproximarmos do trono da graça por meio de Jesus Cristo que se compadece das nossas fraquezas (Hb 4.15). Jesus é o nosso sumo sacerdote imaculado e plenamente suficiente. Ele se ofereceu como nosso substituto com perfeita obediência e perfeito sacrifício. Todas as misericórdias do Pai pertencem àqueles que se aproximam de Deus por meio da fé em Jesus. "Assim,

aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade” (Hb 4.16).

É no trono de Deus que as misericórdias são mantidas. Aí existe riqueza infinita, poder infinito e sabedoria infinita. E tudo isso está a serviço da misericórdia por causa de Jesus Cristo, a misericórdia divina encarnada. Quer você aprenda isso por meio da alegria ou por meio do sofrimento, conforme ocorreu com Jó, em tudo o que você fizer lembre-se de que “o Senhor é cheio de compaixão e misericórdia” (Tg 5.11).

UMA ORAÇÃO

Pai, necessitamos imensamente de misericórdia. Pecamos todos os dias. Não obedecemos a teu mandamento de amar-te plenamente de todo o coração, alma, mente e força. Somos apáticos em nossas afeições. Todos os nossos motivos, mesmo os melhores, são confusos. Estamos sempre murmurando. Somos ansiosos quanto ao amanhã. Ficamos zangados com muita rapidez. Desejamos o que não deve ser desejado. Ficamos irritados com o comportamento dos outros e, cinco minutos depois, estamos tendo o mesmo comportamento. Se não fosse a tua misericórdia, estariámos perdidos. Ó Deus, que possamos ver a misericórdia de Cristo e prová-la como de fato ela é. Concede-nos poder para compreender o amor de teu Filho. Concede-nos o desejo de ler as histórias sobre a misericórdia de Jesus que encontramos nos evangelhos e leva-nos a nelas meditar. Que possamos admirar o que ele fez e imitá-lo, e que essa imitação não seja apenas exterior. Que ela proceda do coração, porque foi ali que nos arrependemos de nosso pecado, aprendemos a nutrir misericórdia, viver pela misericórdia, esperar em misericórdia e almejar misericórdia. Que aos nossos olhos a misericórdia de Jesus seja a mais bela característica do nosso Salvador. Que possamos contemplá-lo e, ao contemplá-lo, nos tornemos semelhantes a ele. E que essa misericórdia seja exteriorizada,

para que possamos mostrá-la aos outros. Queremos obedecer a teu mandamento de fazermos justiça e amarmos com misericórdia. Queremos que o nosso amor demonstre misericórdia. Que a misericórdia seja uma parte de nós, e que, por meio dela, possamos mostrar quem somos. Une-nos a Cristo para que a sua misericórdia seja a nossa misericórdia, e para que a nossa misericórdia seja um presente de Cristo. Ele é tudo o que temos para oferecer. Pai, glorifica a misericórdia do teu Filho em nossa fé e em nossa paciência. Obrigado, muito obrigado por Cristo e pela misericórdia que mostraste para conosco por meio dele. Em nome de Jesus, oramos. Amém.

O lado austero

A severidade de Jesus Cristo

“Mestre, sabemos que [...] não mostras parcialidade, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade.”

LUCAS 20.21

“Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos.”

LUCAS 10.21

A glória de Jesus Cristo encontra-se no fato de que ele está sempre fora de sincronismo com o mundo e, por isso, essa glória se mostra sempre relevante para os homens. Se Jesus se adaptasse ao mundo, ele teria pouca utilidade. O esforço de refazer o Jesus da Bíblia para que ele se adapte ao espírito de uma geração o tornaria fraco na geração seguinte. É melhor deixá-lo ser o que é, porque, geralmente, nós necessitamos muito mais do lado ofensivo de Jesus.

E a forma austera, brusca e impetuosa do amor de Jesus é especialmente ofensiva ao sentimento ocidental moderno. Pessoas suscetíveis costumam sentir-se ofendidas diante das palavras penetrantes de Jesus. Pessoas que identificam o amor apenas por palavras brandas e meigas têm se sentido indignadas por causa da linguagem cáustica, quase violenta, do Senhor Jesus.

Mas ele não falava sempre dessa maneira. Vimos a docura de suas misericórdias e paciência, e da bondade e perdão demonstrados por ele (Capítulo 10). É por isso que seu discurso severo não pode ser considerado irritação, arroubos de mau humor ou

hostilidade renitente. O que encontramos na linguagem penetrante de Cristo é uma forma de amor que corresponde ao mundo real de corrupção, à insensibilidade do nosso coração e à magnitude do que está em jogo quando fazemos escolhas. Se não houvesse qualquer maldade, qualquer coração empedernido e consequência eterna, talvez as únicas formas de amor fossem o toque carinhoso e as palavras meigas. Mas um mundo como esse não mataria o Filho de Deus nem odiaria seus discípulos. Esse mundo não existe.

Precisamos estar atentos à surpreendente austeridade da misericórdia de Jesus, que maravilhou o povo de sua época. Até seus inimigos admitiram que ele era totalmente indiferente à aprovação dos outros. Temos a tendência de querer que os outros aprovem o que falamos. Jesus não se preocupava com isso. “Mestre, sabemos que [...] não mostras parcialidade, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade” (Lc 20.21). Quando os fariseus hostis enviaram guardas para prenderem Jesus, eles voltaram de mãos vazias e deram esta explicação: “Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala” (Jo 7.46).

Este tem sido o testemunho de todas as gerações. Ninguém jamais falou como aquele homem. Tudo começou no templo, quando Jesus era menino: “Todos os que o ouviam ficavam maravilhados [...] com as suas respostas” (Lc 2.47). Quando ele iniciou seu ministério público na sinagoga de Nazaré, no princípio “todos falavam bem dele, e estavam admirados com as palavras de graça que saíam de seus lábios” (Lc 4.22); mas quando ele cortou abruptamente os planos egoístas dos que estavam na sinagoga (v. 24-27), as mesmas pessoas ficaram furiosas (v. 28) e tentaram atirá-lo de um precipício (v. 29). No fim de seu ministério, em sua última semana de vida, suas respostas firmes e diretas calaram a boca de seus adversários: “Ninguém conseguia responder-lhe uma palavra; e daquele dia em diante, ninguém jamais se atreveu a lhe fazer perguntas” (Mt 22.46). A partir daí, aqueles que eram contra Jesus só falavam quando era para condená-lo.

Quando se tornou necessária a vinda de Cristo ao mundo, a condição da humanidade era tão lastimável que ele precisou usar linguagem chocante para ser entendido. Quando o povo lhe pediu um sinal do céu, ele respondeu: “Uma geração perversa e adúltera pede um sinal...” (Mt 16.4). Quando seus discípulos não foram capazes de expulsar um demônio, ele disse: “Ó geração incrédula, até quando estarei com vocês? Até quando terei que suportá-los?...” (Mc 9.19). Quando os ensinou a orar, ele disse: “Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!” (Mt 7.11; grifo do autor). Jesus partiu do princípio de que eles eram maus, e lhes disse isso.

Além de acusar o mundo de mau, adúltero e incrédulo, Jesus disse que todos estavam espiritualmente mortos. Quando um discípulo pediu permissão a Jesus para enterrar o pai, Jesus o surpreendeu com estas palavras: “Siga-me, e deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos” (Mt 8.22). A terrível condição de estar espiritualmente morto exigia palavras severas. Ocorreu o mesmo com os fariseus: “Ai de vocês, porque são como túmulos que não são vistos...” (Lc 11.44). “... Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície” (Mt 23.27).

A condição mortal era satânica porque, desde o início, Satanás tem sido um assassino espiritual do homem. Jesus indignou-se contra os incrédulos com esta acusação: “Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade...” (Jo 8.44). E quando Pedro, um de seus discípulos mais dedicados, disse heroicamente que Jesus não deveria morrer, Jesus virou-se para ele e proferiu estas palavras: “Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim...” (Mt 16.23). Houve uma solução para a morte espiritual: a morte substitutiva de Jesus. Qualquer impedimento seria demoníaco. Nenhuma palavra foi mais forte para impedi-la.

A condição do coração humano leva ao castigo eterno aqueles que não aceitam o remédio trazido por Cristo. Jesus não se importou em ferir sentimentos quando falou contra o inferno. Ninguém na Bíblia falou com mais freqüência, ou mais intrepidez, sobre o inferno: "... Os anjos virão, separarão os perversos dos justos e lançarão aqueles na fornalha ardente, onde haverá choro e ranger de dentes" (Mt 13.49,50). Quando os discípulos tentaram forçar Jesus a dar uma explicação quanto ao lugar de julgamento, ele respondeu: "... Onde houver um cadáver, ali se ajuntarão os abutres" (Lc 17.37). Algumas realidades são tão temíveis que não necessitam de explicações específicas, mas de uma descrição chocante.

O inferno, Jesus disse, é um lugar onde "o seu verme não morre, e o fogo não se apaga" (Mc 9.48). É um lugar de trevas (Mt 8.12; 22.13; 25.30). É "o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos" (25.41). O fogo "nunca se apaga" (Mc 9.43). É "o castigo eterno" (Mt 25.46).

Jesus explica de maneira racional que os perigos da terra — como, por exemplo, ser morto! — não significam nada quando comparados ao perigo do inferno: "Eu lhes digo, meus amigos: Não tenham medo dos que matam o corpo e depois nada mais podem fazer. Mas eu lhes mostrarei a quem vocês devem temer: temam aquele que, depois de matar o corpo, tem poder para lançar no inferno. Sim, eu lhes digo, esse vocês devem temer" (Lc 12.4,5). Em outras palavras: "Não tenham medo, meus discípulos, vocês podem apenas ser mortos!".

As calamidades horríveis e assustadoras deste mundo, por mais dolorosas que sejam, não são a maior tragédia. O melhor de tudo é escapar do inferno por meio de arrependimento e fé. Jesus tinha uma forma muito severa de proferir essa verdade crucial ao povo, que se horrorizava com aquilo que não deveria ser motivo de desespero. Por exemplo, um grupo ficou horrorizado pelo fato de Pilatos ter misturado o sangue de alguns galileus com os sacrifícios deles. O grupo relatou esse sofrimento a Jesus, que deve ter deixado todos atônitos com estas palavras: "Você们 pensam que

esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão" (Lc 13.2,3). Em outras palavras, em vez de vocês ficarem surpresos por verem os seres humanos perecendo, fiquem surpresos por vocês não terem perecido.

Jesus nos mostra o caminho para o céu com palavras muito duras. "Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno. E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno" (Mt 5.29,30). A automutilação é melhor que a condenação. O mesmo ocorre quando nós mesmos somos condenados, e, mais ainda, quando somos os responsáveis pela condenação de outras pessoas: "Mas se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar" (Mt 18.6). É melhor perecer no mar do que fazer outra pessoa ir para o inferno.

Portanto, não é de surpreender que Jesus tenha descrito a entrada no Reino de Deus como se fosse um ato de violência: "Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele" (Mt 11.12). Também não é de surpreender que ele tenha dito: "Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram" (Mt 7.14). Há poucas pessoas que confiam em Cristo com tanta fé e almejam o céu com tanto ardor a ponto de considerar seus olhos, suas mãos e sua vida menos preciosos do que a comunhão com Jesus no Paraíso. O caminho é estreito, e poucos o seguem. Há muitos que ouvem as palavras de Jesus e dizem: "Dura é essa palavra. Quem pode suportá-la?" (Jo 6.60).

Mas Jesus não desiste. Ele nos força a seguir o caminho estreito não apenas para que nossas mãos e nossos olhos sejam puros, e nosso amor pelos iniciantes seja radical; ele também tem em mira nosso apego indevido à família, a nossos bens e a nós mesmos.

“Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26). “... aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna” (Jo 12.25). “... qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo” (Lc 14.33). Quando buscamos o Reino de Deus em primeiro lugar, o mundo entende que não amamos nossos pais. E se nossos pais forem incrédulos, a mesma fé que nos leva a orar pela salvação deles os fará se voltarem contra nós: “Pois eu vim para fazer que ‘o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra...’” (Mt 10.35). Devemos, então, abandonar nossa família quando decidimos seguir a Cristo? A resposta de Jesus é clara: “Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12.50).

Se essas palavras proferidas pelo Príncipe da Paz lhe parecem estranhas, pense que o objetivo de Cristo não é o de estabelecer paz com incrédulos e desobedientes. Esses inimigos devem ser destruídos, para que não se tornem destruidores. Quando a anistia de Jesus é menosprezada, a divisão torna-se inevitável — e ele sabia disso: “Vocês pensam que vim trazer paz à terra? Não, eu lhes digo. Ao contrário, vim trazer divisão!” (Lc 12.51). “Vocês serão traídos até por pais, irmãos, parentes e amigos, e eles entregaráo alguns de vocês à morte” (Lc 21.16). “Vim trazer fogo à terra, e como gostaria que já estivesse aceso!” (12.49).

Quem é capaz de ouvir essas coisas? Quem é capaz de regozijar-se nessas palavras e compreender a verdade contida nestas outras proferidas por Jesus: “Tenho lhes dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa” (Jo 15.11)? A resposta de Jesus é tão surpreendente quanto a linguagem que suscitou a pergunta. E ele responde com grande alegria: “Naquela hora Jesus, exultando no Espírito Santo, disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos...’” (Lc 10.21).

Os humildes, os iletrados, os fracos, os submissos, as criancinhas — estes ouvirão a voz da força, da verdade, da justiça e do amor. Eles ouvirão, e seus corações arderão dentro deles quando Jesus falar (Lc 24.32). Eles não se sentirão ofendidos. Sentir-se-ão animados porque existe alguém que enxerga a gravidade de nossa condição humana, conhece o inimigo, não faz concessões, e fala como Rei vencedor e grande Salvador.

UMA ORAÇÃO

Senhor, torna-nos mais insensíveis. Não no sentido de perdermos a ternura, mas no sentido de não nos ofendermos facilmente. Afasta de nós a propensão à autopiedade. Concede-nos paixão pela verdade, e que ela seja maior que nossa paixão inata de querer receber apenas elogios. Perdoa-nos, Pai, por considerarmos grosseiras as palavras que são proferidas com austeridade. Perdoa-nos por imaginarmos que as pessoas são mal-intencionadas quando não conhecemos seus motivos. Ajuda-nos a aprender com Jesus quando devemos ser inflexíveis e quando devemos ser compassivos. Impede-nos de comparar a raiva humana com as palavras ríspidas de Jesus. Não permitas, porém, que nos tornemos tão sentimentais a ponto de não encontrar uma palavra firme no momento apropriado. Maravilhamo-nos diante das palavras de nosso Senhor Jesus. Admiramos seu comportamento imprevisível. Ninguém falou igual a ele. Jesus não precisou ter aulas com ninguém. Curvamo-nos diante dele e calamos nossa boca. Desejamos que ele fale — e que fale da maneira que lhe agrada. Somos aprendizes silenciosos. Ele é o mestre imaculado. Colocamos a mão na boca para silenciá-la e nos sentamos aos pés de Jesus. Usa-nos conforme a tua vontade, Pai. Não somos teu juiz, nem juiz daquilo que teu Filho fala. Tem misericórdia de nós — com austeridade ou ternura — e ajuda-nos a sentir tua alegria eterna. Em nome de teu Filho, nosso Senhor Jesus, amém.

Vida invencível

A ressurreição de Jesus Cristo

*Pois sabemos que, tendo sido ressuscitado
dos mortos, Cristo não pode morrer outra vez:
a morte não tem mais domínio sobre ele.*

ROMANOS 6.9

*... [Deus] o ressuscitou dentre os mortos
e o glorificou...*

1PEDRO 1.21

Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos (1Co 15.4; 1Pe 1.21). Todos sabiam que ele estava morto. Desde o governador, os soldados que o executaram, as mulheres que o enterraram, até os adversários que temiam uma conspiração por causa dos rumores sobre a ressurreição, todos sabiam que Jesus estava morto. Foi por isso que eles inventaram uma explicação para o túmulo vazio, dizendo que os discípulos haviam furtado o corpo de Jesus (Mt 28.13). Mas a explicação não funcionou, porque as pessoas não arriscam a vida em troca de uma falsidade concebida por elas próprias. O corpo não estava no túmulo. Caso contrário, os inimigos teriam posto fim ao cristianismo, exibindo os restos mortais de Jesus. Os discípulos pregavam corajosamente, arriscando a vida ao dizer que Jesus estava vivo (At 2.24,32; 3.15). O evangelista Estêvão e o apóstolo Tiago perderam a vida (At 7.60;12.2). E, durante quarenta dias, Jesus apareceu a pessoas isoladas e em concentrações de até quinhentas pessoas (At 1.3; 1Co 15.6). A muitas delas era difícil convencer (Lc 24.11,38; Jo 20.25,27).

À medida que foi se aclarando na mente cética dos discípulos a possibilidade de que a ressurreição fosse um fato real, a primeira especulação foi a de que o Jesus que eles viram era um fantasma ou uma aparição qualquer. Mas Jesus pôs fim imediato a essa especulação. Ao incrédulo Tomé, ele disse: “Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia” (Jo 20.27). Em outra ocasião, diante dos discípulos assustados, Jesus insistiu em comer peixe para mostrar-lhes que não era um fantasma. “Ele lhes disse: ‘... Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho’ [...]. E por não crerem ainda, tão cheios estavam de alegria e de espanto, ele lhes perguntou: ‘Vocês têm aqui algo para comer?’ Deram-lhe um pedaço de peixe assado, e ele o comeu na presença deles” (Lc 24.38-43).

Mas a ressurreição do corpo de Jesus foi mais do que a de um simples corpo mortal ressuscitado. Foi semelhante, mas não igual. Ele pôde ser reconhecido como sempre o foi. Seu corpo era um corpo físico. Mas era também um corpo transformado. Quando o apóstolo Paulo descreveu como será o futuro corpo ressuscitado dos cristãos, descreveu também a ressurreição do corpo de Jesus, porque Cristo ressuscitou como “as primícias” do restante dos mortos que pertencem a ele (1Co 15.20). Em outras palavras, o corpo do Cristo ressurreto faz parte da mesma colheita de todos os outros corpos que ressuscitarão em glória no último dia. Cristo, diz Paulo, “transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso” (Fp 3.21). Portanto, essa descrição de nossos corpos que um dia serão ressuscitados se aplica também ao corpo de Jesus: “... O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual...” (1Co 15.42-44). É o mesmo corpo, porém muito mais glorioso.

Um tremendo poder divino acompanhou a ressurreição de Jesus antes, durante e depois de ela ser cumprida. Preparando o caminho para sua ressurreição, Jesus afirmou ser totalmente responsável por sua vida e morte. “Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la...” (Jo 10.17,18). Jesus zombou diante das ameaças de que ele seria morto antes da hora e que permaneceria no túmulo contra sua vontade. Quando foi advertido de que Herodes queria matá-lo, Jesus disse: “Vão dizer àquela raposa: Expulsarei demônios e curarei o povo hoje e amanhã, e no terceiro dia estarei pronto” (Lc 13.32). Ele predisse os detalhes de sua morte e ressurreição como alguém que estava seguindo seu plano irrefreável: “... Jesus lhes disse: ‘O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens. Eles o matarão, e no terceiro dia ele ressuscitará’” (Mt 17.22,23).

No próprio ato da ressurreição, o poder divino teve completo domínio. Paulo referiu-se à “atuação da sua poderosa força. Esse poder ele [Deus] exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos...” (Ef 1.19,20). E Pedro disse que “era impossível que a morte o retivesse” (At 2.24).

Ressuscitando com soberano poder, Cristo entrou em uma vida eterna, imperecível. Jesus tornou-se o sumo sacerdote eterno “segundo o poder de uma vida indestrutível” (Hb 7.16). “... tendo sido ressuscitado dos mortos, Cristo não pode morrer outra vez: a morte não tem mais domínio sobre ele” (Rm 6.9). “Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome” (Fp 2.9). “... Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e o glorificou...” (1Pe 1.21). Antes, durante e depois, a ressurreição de Jesus foi uma manifestação gloriosa do poder divino.

Portanto, a ressurreição de Jesus garante todas as obras que ele realizará em favor de seu povo: sua autoridade e domínio sobre todo o Universo (Mt 28.18); sua intercessão sacerdotal

em nosso favor (Rm 8.34); sua intercessão junto a Deus, o Pai (1Jo 2.1); sua presença protetora e confortadora conosco até o fim dos tempos (Mt 28.20); e sua gloriosa vinda final à terra para nos dar alívio e punir “os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus (2Ts 1.7,8).

A ressurreição de Jesus também garante todas as bênçãos que ele conquistou para nós em sua morte. Ela comprova a suficiência da cruz e sela a certeza e a finalidade de nossa justificação pela fé. “Ele [Jesus] foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4.25). Todas as promessas de Deus, compradas pelo sangue de Cristo, passam a ser nossas perpetuamente em razão da ressurreição de Jesus. O perdão é um exemplo: “E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados” (1Co 15.17). Mas ele ressuscitou, e o perdão é real e permanente. “... pois [Cristo] vive sempre para interceder por eles [nós]” (Hb 7.25).

No final, o Cristo ressurreto nos ressuscitará com ele. “E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida a seus corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vocês” (Rm 8.11). “Se dessa forma fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição” (Rm 6.5). Assim como Jesus venceu o domínio da morte, ele também ressuscitará aqueles que lhe pertencem. Ele faz esta promessa a todos os que crêem: “... eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.40). A ressurreição de Cristo garante a ressurreição de todos os que crêem. Eles receberão a glória assim como ele recebeu. “... e não podem mais morrer [...] visto que são filhos da ressurreição” (Lc 20.36). “... A segunda morte não tem poder sobre eles...” (Ap 20.6).

A glória de Cristo no poder de sua ressurreição que lhe garantiu uma vida invencível e autoridade onipotente refletirá nele a adoração jubilosa de seus santos ressuscitados e perfeitos. Quem desfrutará esse dom eterno de vida? Jesus responde: “Eu sou a

ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim [...] não morrerá eternamente...” (Jo 11.25,26).

Conforme ocorre com todos os fatos históricos, a ressurreição de Jesus pode suscitar dúvidas. Mas quando Deus tem a seu dispor os relatos confiáveis de testemunhas, a coragem de suas pregações, a futilidade dos argumentos dos opositores, os efeitos do evangelho, a coerência da mensagem, a plena suficiência do conceito mundial cristão e a glória espiritual de Jesus Cristo — quando Deus tem a seu dispor tudo isso e muito mais, ele é capaz de abrir o entendimento do cético mais renitente. Quando Deus nos desperta da letargia da incredulidade e faz brilhar em nossa mente “a luz do evangelho da glória de Cristo” (2Co 4.4,6), o que vemos, paralelamente ao terrível esplendor de seu sofrimento, é a grandiosidade de sua ressurreição.

UMA ORAÇÃO

Pai de glória, nós te louvamos porque, com teu poder, ressuscitaste teu Filho, Jesus, dentre os mortos. Louvamos-te porque a pedra que os construtores rejeitaram veio a ser a pedra angular. Nós nos maravilhamos diante dessa tua obra majestosa. A morte não foi capaz de aprisionar teu Filho! Nossa último inimigo caiu diante de teu poder no momento em que Jesus triunfou sobre a morte e nos livrou do medo desse antigo inimigo. E agora, ó Deus, concede-nos a graça de aproveitarmos as riquezas de tudo o que a ressurreição de Jesus significa. Toda autoridade pertence a ele no céu e na terra. Nenhum poder e nenhum inimigo podem prevalecer contra ele. Quando confiamos nele, só recebemos coisas boas. E o melhor está sempre por vir. Portanto, Pai, afasta de nossa vida o medo, as preocupações, o desânimo e a tristeza. Concentra nossa atenção na suprema realidade do triunfo final de Cristo sobre a morte. Não permitas que esqueçamos ou deixemos de sentir a glória universal que concedeste a Jesus: um nome que está acima de

todos os nomes. Que essa verdade seja posta em prática em nossa vida diária para que possamos ver todas as pessoas, sejam elas importantes ou não, perante o Juiz ressurreto e triunfante de todas as nações. Que possamos aceitar a misericórdia e o poder de Jesus, com coragem e arrependimento no coração. Pai, queremos que nossa vida demonstre a grandeza de teu Filho. Com teu poder, ajuda-nos a alcançar essa graça. Oramos em nome de Jesus. Amém.

*“Pois o Filho do homem no seu dia
será como o relâmpago cujo brilho
vai de uma extremidade à outra do céu.
Mas antes é necessário que ele sofra...”*

LUCAS 17.24,25

*O Senhor Jesus [será] revelado lá dos céus,
com os seus anjos poderosos, em meio
a chamas flamejantes.*

2TESSALONICENSES 1.7

A gloriosa manifestação do nosso grande Deus e Salvador

A Segunda Vinda de Jesus Cristo

Em sua primeira vinda, Cristo participou da condição humana de carne e sangue para que, por sua morte, derrotasse “aquele que tem o poder da morte [...] e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte” (Hb 2.14,15). Ele voltará para “trazer salvação aos que o aguardam” (Hb 9.28).

O tempo chegará quando a fé for absorvida pela visão. Por enquanto, “vivemos por fé, e não pelo que vemos” (2Co 5.7). Mas ao soar da última trombeta, quando os mortos ressuscitarem e formos transformados num abrir e fechar de olhos (1Co 15.52), a visão física e a visão espiritual se fundirão em uma compreensão maravilhosa da glória de Cristo.

Por enquanto, nós *vemos* Cristo com “os olhos do coração” (Ef 1.18). Deus brilha em nosso coração para nos dar “a luz do evangelho da glória de Cristo” (2Co 4.4,6; grifo do autor). “... Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai...” (Mt 11.27). E se somos capazes de ver a glória do Filho, o que Jesus disse a Pedro

também se aplica a nós: “... Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus” (Mt 16.17). Quando isso acontecer, estaremos contemplando a glória do Senhor (2Co 3.18).

Mas existe uma glória futura que ainda não vemos. Paulo dá a essa glória o nome de “bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tt 2.13). Primeiro houve o sofrimento do Filho do homem e a revelação de sua glória somente pelos olhos da fé (1Co 1.18,23). Depois, no fim dos tempos, virá a glória, para que todos a vejam com olhos humanos. “Pois o Filho do homem no seu dia será como o relâmpago cujo brilho vai de uma extremidade à outra do céu. Mas antes é necessário que ele sofra...” (Lc 17.24,25).

Glória. É assim que os escritores inspirados falam repetidas vezes daquele evento. “O Filho do homem [virá] em sua glória, com todos os anjos...” (Mt 25.31; grifo do autor). Não apenas alguns anjos. Todos os anjos. “Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões...” (Ap 5.11). O céu ficará sem nenhum anjo.

E quando o Filho do homem vier, “assentar-se-á em seu trono na glória celestial” (Mt 25.31; grifo do autor). E ele reinará naquele trono glorioso. “... o governo está sobre os seus ombros [...] e haverá paz sem fim [...] com justiça e retidão [...] para sempre” (Is 9.6,7).

Essa glória será a glória do Filho do homem (Mt 25.31). E como o Filho do homem é também o Filho de Deus, e ele e o Pai são um, será também a “glória de seu Pai” (Mt 16.27). Sua vinda é simplesmente chamada de revelação de sua glória (1Pe 4.13), e todos os santos, diz Pedro, participarão “da glória a ser revelada” (1Pe 5.1).

A alegria dos santos, que exultarão com grande júbilo quando ele chegar (1Pe 4.13), será a alegria de apreciar e louvar a glória de Cristo em toda a sua plenitude. É por isso que ele virá — “para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram” (2Ts 1.10; grifo do autor).

E como toda essa glória será manifestada? "... com a voz do anjo e o ressoar da trombeta de Deus..." (1Ts 4.16). "O céu [...] se [recolherá] como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas [serão] removidas de seus lugares" (Ap 6.14). Será o fogo do julgamento. "... Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes" (2Ts 1.7). Todas as nações se reunirão diante dele, e os incrédulos "sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder" (v. 9). Os reis da terra e os escravos se esconderão "em cavernas e entre as rochas das montanhas" e gritarão às rochas: "Caiam sobre nós e escondam-nos [...] da ira do Cordeiro!" (Ap 6.15,16). "Então será revelado o perverso, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca..." (2Ts 2.8). "... e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o trespassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele..." (Ap 1.7).

Mas a glória da vinda do Senhor será também salvação. "... Cristo [...] aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam" (Hb 9.28). "Pois, dada a ordem, com a voz do anjo e o ressoar da trombeta de Deus [...] os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares..." (1Ts 4.16,17).

"Pelo poder que o capacita a colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, ele transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso" (Fp 3.21). "... num momento, num abrir e fechar de olhos [...] nós seremos transformados" (1Co 15.52) . "Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor..." (Ap 21.4).

Talvez o mais glorioso de tudo será o zelo com o qual ele engrandecerá sua graça. Ele não repartirá com ninguém a glória de ser o doador da graça. Pedro nos diz simplesmente: "... estejam alertas e coloquem toda a esperança na graça que lhes será dada

quando Jesus Cristo for revelado" (1Pe 1.13; grifo do autor). E como será essa graça? Jesus a descreveu em forma de parábola: "Felizes os servos cujo senhor os encontrar vigiando, quando voltar. Eu lhes afirmo que ele se vestirá para servir, fará que se reclinem à mesa, e virá servi-los" (Lc 12.37). A graça de Deus é ser nosso "Servo" — o Doador — mesmo na eternidade.

Por ocasião da Última Ceia, Jesus fez esta pergunta: "Pois quem é maior: o que está à mesa, ou o que serve? Não é o que está à mesa? Mas eu estou entre vocês como quem serve" (Lc 22.27). E assim será por toda a eternidade. Por quê? Porque o doador recebe a glória. Cristo jamais abrirá mão da glória de sua graça soberana. "Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo..." (At 17.25). Ele criou todas as coisas a fim de ter beneficiários que engrandeçam sua doação. E ele porá fim à história como o Doador eterno. Do princípio ao fim, seu objetivo é o mesmo: "o louvor da sua gloriosa graça" (Ef 1.6). Vamos adorá-lo juntos. Curvemo-nos diante dele, aguardando com amor a sua vinda. "Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda" (2Tm 4.8; grifo do autor).

UMA ORAÇÃO

Perdoa-nos, Pai, por nossa indiferença à vinda de teu Filho! Não estamos mantendo acesas as candeias da expectação nem compramos o óleo da esperança para aguardar a volta do Noivo. Compramos um campo e fomos cuidar dele. Compramos bois e passamos o tempo adulando-os e admirando seu peso e altura. Casamos com uma mulher e a desejamos mais que a vinda de teu Filho. Ó Senhor, perdoa-nos! Lamentamos muito por não termos dedicado nossa afeição inteiramente a ti e a teu Servo, Jesus. Mas, Senhor, estamos prontos para mudar nossa atitude. E nos apresentamos diante de ti em busca de ajuda. Inclina nosso coração para Cristo. Abre-nos

os olhos para a glória dele. Que a manifestação de nosso grande Deus e Salvador seja uma “bendita esperança” em nosso coração — uma esperança feliz, uma esperança agradável. Anula o nosso apego a este mundo. Ajuda-nos a concentrarmos nossos pensamentos nas coisas lá do alto, onde Cristo está assentado à tua direita. Incute em nós o mandamento de Pedro para colocarmos toda a esperança na graça que nos será dada quando Jesus Cristo for revelado. Livra-nos das ansiedades que nos sobrevêm por dependermos demais das circunstâncias deste mundo. Ajuda-nos a formar um grupo radical de pessoas corajosas que não temam arriscar a vida para trabalhar em prol do amor, porque sabemos que esta carne mortal será revestida de imortalidade e que este corpo humilhado será transformado em um corpo semelhante ao corpo glorioso de Cristo. Nós te amamos, Pai. Amamos a vinda de teu Filho. Que possamos viver na esperança de alcançar a glória da tua grande graça. Em nome de Jesus, amém.

Conclusão

Andando com Deus por meio de Jesus Cristo

Encerro este livro com um sumário das seis verdades que poderão ajudar alguns leitores que estão separados de Deus a darem um passo decisivo e se reconciliarem com ele. Minha esperança é que você tenha conhecido Jesus Cristo e que, ao provar espiritualmente a glória do Filho de Deus, seu coração tenha sido despertado. Pode ser também que você esteja confinado no limiar da fé. Em qualquer dos casos, talvez um texto resumido da Bíblia acerca da verdade sobre a salvação possa fazer a diferença. *Quest for joy¹* [Em busca da alegria] é um folheto que escrevi alguns anos atrás para orientar as pessoas a terem um relacionamento de salvação com Jesus Cristo. Seria uma imensa alegria para mim se Deus usasse esse folheto para solidificar sua confiança em Cristo. Conforme eu disse no Prefácio, a alegria bem fundamentada, duradoura e que gera amor é algo muito sério. Tudo está em jogo. Não existe nada mais importante na vida que ver Jesus como ele realmente é, e, acima de tudo, provar o que vemos.

“... Deleite-se no SENHOR,
e ele atenderá aos desejos do seu coração.”
SALMOS 37.4

Em busca da alegria

Seis verdades bíblicas

DEUS NOS CRIOU PARA SUA GLÓRIA.

*“... De longe tragam os meus filhos,
e dos confins da terra as minhas filhas;
[...] a quem criei para a minha glória...”
(Is 43.6,7).*

Deus nos fez para ampliar sua grandeza — da mesma forma que os telescópios ampliam os astros. Ele nos criou para revelarmos sua bondade, verdade, beleza, sabedoria e justiça. A maior demonstração da glória de Deus vem do prazer que sentimos por tudo o que ele é. Isso significa que Deus recebe o louvor, e nós recebemos a alegria. Deus nos criou para ser glorificado ao máximo em nós quando nos alegramos ao máximo nele. (V. capítulo 1 de *Um homem chamado Jesus Cristo*.)

TODO SER HUMANO DEVE VIVER PARA A GLÓRIA DE DEUS.

*“Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa,
façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).*

Se Deus nos fez para sua glória, torna-se evidente que devemos viver para sua glória. Nossa submissão provém de seu propósito. Portanto, nossa primeira obrigação é mostrar o valor de Deus, ficando satisfeitos com tudo o que ele é para nós. Essa é a essência do amor de Deus (Mt 22.37), de nossa confiança nele (1Jo 5.3,4) e gratidão a ele (Sl 100.2-4). Essa é a raiz de toda a obediência verdadeira, principalmente a de amar os outros (Cl 1.4,5). (V. capítulo 1 de *Um homem chamado Jesus Cristo*.)

NÃO GLORIFICAMOS A DEUS COMO DEVERÍAMOS.

“...pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23).

O que significa estar “destituídos da glória de Deus”? Significa que nenhum de nós tem glorificado a Deus e confiado nele como deveria. Não nos alegramos com sua grandeza e não andamos em seus caminhos. Buscamos satisfação em outras coisas e as tratamos como se fossem mais valiosas que Deus. Essa é a essência da idolatria (Rm 1.21-23). Desde que o pecado entrou no mundo, não temos considerado Deus como nosso tesouro mais precioso (Ef 2.3). Trata-se de uma terrível ofensa à grandeza de Deus (Jr 2.12,13). (V. capítulo 7 de *Um homem chamado Jesus Cristo*.)

TODOS NÓS ESTAMOS SUJEITOS À JUSTA CONDENAÇÃO DE DEUS.

“Pois o salário do pecado é a morte...” (Rm 6.23).

Todos nós menosprezamos a glória de Deus. Como? Dando preferência a outras coisas e não a ele, por meio de nossa ingratidão, desconfiança e desobediência. Por conseguinte, Deus está nos impedindo de desfrutar sua glória para sempre. “Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder” (2Ts 1.9).

A palavra “inferno” é usada doze vezes no Novo Testamento — onze vezes por Jesus. O inferno não é um mito criado por pregadores sinistros e irados. O Filho de Deus, que morreu para livrar os pecadores dessa maldição, fez uma solene advertência. Corremos um grande risco quando não fazemos caso dessa advertência. (V. capítulo 11 de *Um homem chamado Jesus Cristo*.)

Se a Bíblia tivesse parado aqui em sua análise da condição humana, estariámos condenados a um futuro sem esperança. Contudo, ela não pára aqui...

DEUS ENVIOU SEU FILHO UNIGÊNITO, JESUS, PARA NOS CONCEDER ALEGRIA E VIDA ETERNAS.

“Esta afirmação é fiel e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores...” (1Tm 1.15).

A boa nova é que Cristo morreu por pecadores como nós. Ele ressuscitou dentre os mortos para ratificar o poder redentor de sua morte e abrir as portas da alegria e vida eternas (1Co 15.20). Isso significa que Deus pode inocentar os pecadores e continuar a ser justo (Rm 3.25,26). “Pois também Cristo sofreu pelos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus...” (1Pe 3.18). A mais profunda e eterna satisfação será a de estar no céu com Deus. (V. capítulos 2, 8, 9 e 12 de *Um homem chamado Jesus Cristo*.)

OS BENEFÍCIOS ADQUIRIDOS MEDIANTE A MORTE DE CRISTO PERTENCEM ÀQUELES QUE SE ARREPENDEM E CONFIAM NELE,

“Arrependam-se, pois, e voltem-se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados” (At 3.19).

“Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa” (16.31).

“Arrepender-se” significa afastar-se de todas as promessas enganosas do pecado. “Fé” significa estar satisfeito com tudo o

que Deus promete ser para nós em Jesus. "... aquele que crê em mim", diz Jesus, "nunca terá sede" (Jo 6.35). Nós não conquistamos a salvação. Não a merecemos (Rm 4.4,5). Ela é concedida pela graça mediante a fé (Ef 2.8,9). É gratuita (Rm 3.24). Nós a receberemos se a desejarmos acima de todas as coisas (Mt 13.44). Quando fazemos isso, o objetivo de Deus para a criação é alcançado: ele é glorificado em nós, e nós nos alegramos nele — para sempre. (V. capítulo 10 de *Um homem chamado Jesus Cristo*.)

Isso faz sentido para você?

Você deseja esse tipo de satisfação que vem da alegria com tudo o que Deus é para você em Jesus? Se sua resposta for sim, Deus está trabalhando em sua vida.

O que você deve fazer?

Afaste-se das promessas enganadoras do pecado. invoque o nome de Jesus para salvá-lo da culpa, do castigo e da escravidão do pecado. "... porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Rm 10.13). Comece depositando sua esperança em tudo o que Deus é para você em Jesus. Destrua o poder das promessas do pecado mediante a fé que você tem nas glórias promessas de Deus. Leia a Bíblia para encontrar suas preciosas e grandiosas promessas, que podem libertá-lo (2Pe 1.3,4). Encontre uma igreja que creia na Bíblia e comece a adorar e crescer espiritualmente com outras pessoas que amam a Cristo acima de todas as coisas (Fp 3.7).

A melhor notícia do mundo é que não há necessidade de existir conflito entre nossa felicidade e a santidade de Deus. Quando estamos satisfeitos com tudo o que Deus é para nós, em Jesus, nós o engrandecemos como o maior de todos os tesouros.

"Tu me farás conhecer a vereda da vida,
a alegria plena da tua presença,
eterno prazer à tua direita."

SALMOS 16.11

Notas

Prefácio

Como podemos estar certos a respeito de Jesus?

¹C. S. Lewis, *Mere Christianity*, New York: Macmillan, 1952, p. 56.

²Milan MACHOVE, Stuttgart: Kreuz Verlag, 1972.

³F. F. BRUCE, *New Testament documents: are they reliable?* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984; Craig L. BLOMBERG, *The historical reliability of the gospels*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1987; Paul BARNETT, *Is the New Testament reliable? A look at the historical evidence*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993; Gregory A. BOYD, *Cynic sage or Son of God? Recovering the real Jesus in an age of revisionist replies*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1995; Gary R. HABERMAS, *The historical Jesus: ancient evidence for the life of Christ*, Joplin, MO: College Press Publishing Company, 1996; Michael J. WILKINS e James P. MORELAND, eds., *Jesus under fire: modern scholarship reinvents the historical Jesus*, Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1996; Luke Timothy JOHNSON, *The real Jesus: the misguided quest for the historical Jesus and truth of the traditional gospels*, San Francisco: Harper, 1997; Lee STROBEL, *The case for Christ: a journalist's personal investigation of the evidence for Jesus*, Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1998.

⁴The Westminster Larger Catechism, pergunta número quatro. João Calvino descreve o "testemunho do Espírito" desta forma: "O testemunho do Espírito é mais excelente que todas as razões. Uma vez que o próprio Deus é testemunha de si mesmo em sua Palavra, a Palavra não encontrará aceitação no coração dos homens antes de ser selada pelo testemunho interior do Espírito. Portanto, o mesmo Espírito que falou por meio da boca dos profetas precisa penetrar em nossos corações para nos persuadir de que os profetas proclamaram fielmente o que fora divinamente ordenado [...] porque enquanto o Espírito não iluminar a mente deles, eles vacilarão entre muitas dúvidas!". (*The Institutes of the christian religion*, I, vii, 4, ed. John T. MacNEILL [Philadelphia: The Westminster Press, 1960], p. 79). "De fato, a Bíblia exibe totalmente a evidência da verdade nela contida, de maneira tão clara quanto o branco e o preto são para as cores, ou o doce e o amargo são para o paladar" (*Institutes*, I, vii, 2, p. 76).

⁵V. nota 3.

⁶Título original: *Seeing and savoring Jesus Christ*, cuja tradução literal é *Vendo e provando Jesus Cristo* (N. da T.).

O Leão e o Cordeiro
A excelência de Jesus Cristo

¹The excellency of Christ, em *The works of Jonathan Edwards*, v. 1, Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1974, p. 680.

Alguém maior que Salomão está aqui
A sabedoria de Jesus Cristo

¹V. uma excelente exposição dos ensinamentos bíblicos sobre a divindade de Cristo no capítulo 26 da obra de Wayne GRudem, *Systematic theology: an introduction to biblical doctrine*, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994, p. 529-63.

Os incomparáveis sofrimentos
A angústia de Jesus Cristo

¹*Ecclesiastical histories*, IV, 15, v. 1, trad. Kirsopp Lake, London: William Heinemann Ltda., 1965, p. 341.

²Henry DOSKER, em *International Standard Bible Encyclopedia*, Geoffrey W. BROMILEY, ed., v. 2, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 761, cit. Josephus, *Jewish wars*, V, xi, 1.

Conclusão
Andando com Deus por meio de Jesus Cristo

¹Este folheto pode ser solicitado ao Desiring God Ministries (tel.: 1-888-346-4700). Ficaremos imensamente felizes se pudermos ajudá-lo a encontrar essa alegria.

Índice de referências bíblicas

Êxodo			
3.14	26	112.9	32
		135.5-7	45
		148.7,8	45
Deuteronômio			
33.17	32	Provérbios	
		8.30	38
1Samuel		17.15	75
2.6	47	19.11	75
		22.1	55-56
1Reis			
10.5	50	Isaías	
		9.6,7	99
Jó		40.26	20
1.19	44	43.6,7	20, 105
1.20,21	44	43.10	26, 52
1.21	47	44.6	26
2.9	44	48.12	26
2.10	44	53.3	39
37.9-14	45	53.4	64
		53.6	65
Salmos		53.7	34
16	38	53.10	61, 64
16.11	108		
18.2	32	Jeremias	
19.1	17, 18, 19	2.12,13	106
22.16	64		
29.3-5	45	Oséias	
29.9,10	45	6.6	79
37.4	103		
100.2-4	106	Mateus	
100.3	74	1.19	57

3.17	59	23.27	85		9.22	78	17.37	86
4.2	39	24.25	52		9.24	78	18.38	77
5.17	79	24.36	52		9.43	86	18.42	77
5.29,30	87	25.21	36, 41		9.48	86	20.21	82, 84
7.11	85	25.30	86		10.45	65	20.36	94
7.14	87	25.31	99		11.21	46	21.15	53
8.12	86	25.41	68, 86		14.58	59	21.16	88
8.22	85	25.46	86		14.65	63	22.27	101
9.4	51	26.38	39		15.19	63	22.31,32	69
9.13	79	26.45	39				22.44	63
9.34	58	26.53	63		Lucas		22.48	64
10.35	88	26.56	39, 64		1.35	57	23.9	63
11.12	87	26.67	63		1.54	76	23.39	64
11.16	58	26.75	64		1.78	76	23.46	65
11.18,19	58	27.14	63		2.47	84	24.11	91
11.19	55, 59	27.26	39, 63		4.22	84	24.32	89
11.27	53, 64, 98	27.29	64		4.24-27	84	24.38	91
11.28,29	33	27.31	39		4.28	84	24.38-43	92
12.7	79	27.32	63		4.29	84		
12.25	59	27.35	39		4.39	46	João	
12.28,29	59	27.40	64		5.31,32	58	1.1	24, 27
12.42	50	27.42	59		7.13	77	1.3	46
12.50	88	27.43	59		7.14	46	1.14	22, 27
13.44	108	27.46	65		9.51	65	2.11	46
13.49,50	86	28.13	91		9.58	56	2.24,25	51
14.19-21	46	28.18	93		10.17	39	3.17	75
14.33	45	28.18-20	33		10.21	39, 82, 88	4.6	39
15.22	78	28.20	94		11.13	16	6.35	37, 108
16.4	85				11.44	85	6.40	94
16.17	99	Marcos			12.4,5	86	6.44	77
16.23	85	1.23,24	59		12.37	101	6.60	87
16.27	99	1.27	67, 69		12.49	88	6.64	51
17.22,23	93	1.41	77		12.51	88	7.37	37
17.27	46	3.21	59		13.2,3	87	7.46	50, 84
18.6	87	4.37-41	45		13.32	93	8.16	53
18.13	40	4.41	42		13.33	65	8.24	27
22.13	86	5.19	78		14.26	88	8.41	57
22.16	53	5.41	46		14.33	88	8.44	85
22.37	106	6.34	79		15.20	78	8.48	58
22.45	51	8.2	79		17.13,14	77	8.58	24, 27, 52
22.46	51, 84	9.19	85		17.24,25	97, 99	9.16	59

9.24	59	Romanos			2Coríntios		1.27	74
9.33	59	1.21-23	106		1.3	79	2.3	54
10.17,18	93	1.23	19		3.18	16, 22, 99	2.9	24, 28
10.18	59, 65	1.26,27	21		4.4	21, 70, 95, 98	2.14	71
10.20	58	1.28	20		4.4-6	13	2.15	70
11.14,15	46	2.4	76		4.6	17, 22, 95, 98		
11.25,26	95	3.23	106		5.7	98	1Tessalonicense	
11.35	39	3.24	108		12.7-10	69	3.5	70
11.37	46	3.25,26	107				4.16	100
11.43	46	3.26	75		Efésios		4.16,17	100
12.25	88	4.4,5	108		1.6	75, 101		
12.27	65	4.25	94		1.7	76	2Tessalonicense	
13.19	27, 49, 51	5.2	20, 22		1.12	75	1.7	97, 100
13.31	65	6.5	94		1.14	75	1.7,8	94
15.11	38, 88	6.9	90, 93		1.18	98	1.9	100, 106
15.13	65	6.23	71, 106		1.19,20	93	1.10	99
16.30	52	8.11	94		2.3	106	2.8	100
17.5	22	8.28	53		2.4	76		
17.13	38	8.34	94		2.4,5	73	1Timóteo	
17.24	22, 29	9.5	28		2.7	75	1.15	107
18.4	51	9.15,16	76		2.8	77		
19.28	65	9.18	76		2.8,9	108	2Timóteo	
20.25	91	9.23	20, 75		3.16	74	1.9	77
20.27	91, 92	10.12	76				2.25	77
21.17	49, 52	10.13	108		Filipenses		2.26	70
		15.8,9	76		1.29	76	4.8	101
Atos					2.6,7	28		
1.3	91	1Coríntios			2.7,8	56	Tito	
1.24	51	1.9	37		2.8	65	2.13	22, 28, 99
2.23	64	1.18	99		2.9	93	3.5	76
2.24	91, 93	1.23	99		3.7	108		
2.25-31	38	5.5	70		3.21	92, 100	Hebreus	
2.32	91	10.31	105		4.19	74	1.2	46
3.15	91	15.4	91				1.3	22, 28, 46
3.19	107	15.6	91		Colossenses		1.6	28
4.28	64	15.17	94		1.4,5	106	1.8	28
7.60	91	15.20	92, 107		1.15	22	1.8,9	38
12.2	91	15.42-44	92		1.16	46	1.9	36
13.48	77	15.52	98, 100		1.17	46	1.10	28
16.31	107	15.55-57	70-71		1.19	28	2.14	67, 69, 71
17.25	101	15.56	71					

2.14,15	98	3.8	69
4.14,15	39	5.3,4	106
4.15	62, 79		
4.16	73, 80	Judas	
7.16	93	6	68
7.25	94		
9.28	98, 100	Apocalipse	
11.25,26	40	1.7	100
12.2	40	1.8	26
13.8	79	1.17,18	27
13.13	40	2.8	27
13.14	40	2.10	70
		5.5	32
Tiago		5.6	30, 32
5.11	47, 80	5.11	99
		5.12	62
1Pedro		6.14	100
1.13	101	6.15,16	100
1.21	90-91, 93	6.16	33
2.22	62	12.3	32
2.23	61, 63, 65	13.1	32
2.24	65	14.10,11	34
3.18	65, 70, 107	17.3	32
4.13	99	17.12	32
5.1	99	17.14	33
		20.2	69
2Pedro		20.3	70
1.1	28	20.6	94
1.3,4	108	20.10	69
		21.4	100
1João		22.12,13	27
2.1	94	22.16	27

Índice remissivo

- Adoração, o bem e o mal são dignos de, 44
de Cristo, 94
de Deus na adversidade, 44-47
Alegria indestrutível, 36-41
busca para encontrar a, 16
seis verdades bíblicas, 105-108
Anjos, 28, 99
Automutilação, 87
Calamidade, amaldiçoando a Deus na, 44-47
não é a maior tragédia, 86
Cinco chagas de Cristo, 62
Compaixão de Deus, 73-81
Coração, o mais profundo anseio do, 20
Criação, a glória de Deus proclamada na, 19-20
Cristo, como Rei vencedor, 89
adoração de, 94
alegria de, 36-41
autoridade de, 33
autoridade sobre a natureza, 42-48
calúnia contra, 55-60
conhece Deus perfeitamente, 53
conhecimento antecipado de, 52-53
difamação de, 55-60
divindade de, 24-29, 52
dono absoluto de todas as substâncias materiais, 46
é a glória de Deus, 24-29
excelência de, 30-35
glória da alegria de, 38-39
glória de, 13-16, 68
glória de características diferentes e diversificadas, 31-34
glória do bom nome, 59
glória na ressurreição de, 93-94
glória no poder sobre os demônios, 58-59
glória no sofrimento de, 65-66
glória relevante para os homens, 111
graça da alegria de, 38-39
graça de, 100-101
ilegitimidade de, 57
Leão e Cordeiro, 30-35
maior que Salomão, 50-54
mansidão de, 31-34
misericórdias de, 74-81, 83-84
morte de, 107
morte dele anula o pecado, 70-71
morte em nosso lugar, 65
nossa recompensa, 37
nossa satisfação em, 24-29
novo substituto perfeito, 71
obediência de, 65
objetivo supremo de, 17-23
objeto de nossa alegria, 38
oferece alegria e vida eternas, 107
onisciência de, 51-53
poder de, 42-48
regozijo em, 15-16

ressurreição de, 90-96
revelado na Bíblia, 13
sabedoria de, 49-54
sacrifício de, 67-72
Segunda Vinda de, 52, 97-102
severidade de, 82-107
sofrimento de, 61-66, 95, 99
sustentado pela alegria, 40
tristeza de, 38-39
vida eterna de, 27

Demônios e a misericórdia de Jesus, 77-78
poder de Cristo sobre os, 58, 59

Desiring God Ministries, 109-110

Deus, compaixão de, 73-81
felicidade de, 38
imortalidade de, 28
justiça de, 75-76
misericórdia de, 73-81
riqueza de, 73-81

Esírito Santo, testemunho do, 15

Eta Carinae, 19

Evangelho, 21-22

Furacão Erin, 43-44
Furacão Mitch, 44, 47

Glória de Deus na criação, 17-23, 45
Glória, Deus nos criou para sua, 105-106
da misericórdia de Deus, 73-81
de Cristo na Segunda Vinda, 97-102

Graça de Cristo, 100-101
Grand Canyon, 21

Imortalidade de Cristo, 27
de Deus, 26

Inferno, 85-87, 107

Justiça de Deus, 75-76

Misericórdia de Cristo, 84
de Deus, 73-81

Morte de Jesus, 63-64, 69-71, 90-96

Natureza curvando-se diante da autoridade de Cristo, 42-48
a glória de Deus na, 45

Novo Testamento, registros históricos, 11-13

Obediência de Cristo, 65

Objetivo do livro, 15, 25

Onisciência de Cristo, 51-53

Pecado, a morte de Jesus anula o, 70-71

Poder, ressurreição como manifestação do, 93-94

Presciênciade Cristo, 51-53

Rainha de Sabá, 50

Ressurreição de Cristo, 90-96

Riqueza de Deus, 73-81

Sabedoria de Cristo, 50-54

Salomão, 50

Salvação, comunhão com Jesus na, 37
glória na Segunda Vinda, 100
objetivo de, 28
Seis verdades bíblicas, 105-108

Satanás, a continuidade da existência de, 67-72
assassino espiritual, 85

Segunda Vinda de Cristo, 52, 97-102

Sofrimento, a alegria de Jesus no, 40
de Cristo, 61-66, 94, 99

Sonda Espacial Hubble, 19

Universo, propósito do, 75

Verdade divina pode ser automaticamente legitimada, 13-16
é uma pedra de tropeço, 58

Via-Láctea, 19

A Bíblia em ordem cronológica

Edward Reesc e Frank R. Klassen

Ler a palavra de Deus é sempre agradável e fascinante. A cada texto lido somos impactados pelas verdades eternas inspiradas por Deus. A leitura de *A Bíblia em ordem cronológica* é uma experiência absolutamente única. Ela apresenta os fatos bíblicos na ordem em que ocorreram, possibilitando novas descobertas e ampliando ainda mais a paixão pelas Escrituras. É um prazer sem igual observar e compreender a ação de Deus ao longo da história, de eternidade a eternidade. *A Bíblia em ordem cronológica*: a Bíblia como você nunca leu!

- Todos os versículos das Escrituras foram dispostos conforme seu lugar na cronologia.
- Os salmos foram inseridos na época de sua composição.
- A história de Israel e a história de Judá, no período do reino dividido, são apresentadas em colunas paralelas, com a vida de cada rei posicionada em sua época e lugar.
- Todas as passagens duplicadas aparecem juntas.
- As profecias estão ordenadas no contexto em que foram proferidas pela primeira vez.
- As epístolas estão ordenadas pela data em que foram escritas.
- A datação abrange todos os eventos bíblicos desde a Criação até o fim dos tempos.
- A Bíblia inteira é apresentada na forma de esboço.

Visite o site www.editoravida.com.br para saber mais.